



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS



CERIZI FRANCELINO FIALHO

**RETOMÁ KIXOPOTÍ POKÉ'EXA TEREÑOEHÍKÓ IHAE
TONÉ/IPEAKAXOTI: TRAJETÓRIA DA RETOMADA CAÇULA DO POVO
TERENA**

Dourados-MS
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

CERIZI FRANCELINO FIALHO

**RETOMÁ KIXOPOTÍ POKÉ'EXA TERENCEHIKÓ IHAÉ
TONÉ/IPEAKAXOTI: TRAJETÓRIA DA RETOMADA CAÇULA DO POVO
TERENA**

Pesquisa de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana G. Bueno Mota

Dourados-MS
2023

F439r Fialho, Cerizi Francelino
RETOMÁ KIXOPOTÍ POKÉ'EXA TERENOEHIKÓ IHAE TONÉ/IPEAKAXOTI:
TRAJETÓRIA DA RETOMADA CAÇULA DO POVO TERENA [recurso eletrônico] / Cerizi
Francelino Fialho. -- 2023.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana G. Bueno Mota.

Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Terena. 2. retomadas. 3. poké'exa. 4. tradicional. I. Mota, Profa. Dra. Juliana G. Bueno. II.
Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



**RETOMÁ KIXOPOTÍ POKÉ'EXA TERENOEHIKÓ IHAÉ
TONÉ/IPEAKAXOTI: TRAJETÓRIA DA RETOMADA CAÇULA DO POVO
TERENA**

Banca Examinadora

Prof.^a. Dr.^a. Juliana Grasieli Bueno Mota (Programa de Pós-Graduação em Geografia –
Universidade Federal de Grande dourados/UFGD) Orientadora

Prof. Dr. Jones DariGoettert (Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade
Federal da Grande Dourados/UFGD)

Prof.^a. Dr.^a. Noemia Moura (Programa de Pós-Graduação em Antropologia –
Universidade Federal de Grande Doourados/UFGD)

Prof. Dr. Paulo Baltazar (Coordenador do Curso Licenciatura Intercultural Povos do
Pantanal – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS)

Indukinoake (Dedico)

Ao Ituko'ovití(Nosso Criador) pela saúde que tem me dado para poder concluir os meus estudos, ao Uxipovoé(Guia), que me guiou e cuidou dos meus passos durante essa caminhada acadêmica.

Aos meus pais Celso Fialho e Santa Francelino Fialho, que sempre me incentivaram a estudar além de dizerem que o caminho para se ter uma vida digna é através da educação.

Aos meus irmãos(as): Cezar Francelino Fialho, Celma Francelino Fialho, Celso Fialho Filho, Célio Francelino Fialho, Célia Francelino Fialho Jordão, Cerise Francelino Fialho e Cibeli Francelino Fialho Cândido, que sempre me serviram de exemplo e que estiveram sempre me acompanhando nos aprendizados desta caminhada.

Dedico, em especial, à minha companheira Taily de Faria Marcos Terena, que esteve comigo nesta reta final da conclusão do mestrado, orientando-me, aconselhando-me, além de acompanhar as minhas idas e vindas da aldeia à cidade, você contribuiu muito para que eu pudesse concluir mais uma etapa dos meus estudos. Aos meus filhos: Juan Alfredo Fialho, Thaila Alfredo Fialho e Rian Alfredo Fialho que são a razão do meu esforço e dedicação aos meus estudos, por compreenderem e aceitarem a minha ausência.

Ainapó Nguixoahikó (Agradecimentos)

Ao concluir mais uma etapa da minha caminhada através dos estudos, várias pessoas vêm à mente; desde os moradores da minha querida Aldeia Bananal até os meus familiares, lideranças, mulheres, jovens e crianças. Porém, as primeiras pessoas que trago o nome aqui são dos nossos mais velhos, do ancião Máximo Alexandre, do Justo Vicente, do Simplicio Marcos, da Helida Francisco, da Getrude Jorge, do Zeferino Massi, na qual por meio da mensagem de cada um deles, pude me sentir como um mensageiro a carregar os ensinamentos, cuja materialidade compartilho ao mundo acadêmico, eis neste trabalho a sabedoria que eles carregam consigo. A partir das conversas que tive com todos estes anciões fui encorajado, por cada um deles, a construir esta dissertação trazendo o nosso saber tradicional e, principalmente, utilizando a escrita da nossa língua Terena, que é uma de nossas identidades, podendo, desta forma, sermos os porta-vozes do nosso Povo.

Em segundo lugar agradeço às famílias da retomada Caçula: ao Lucas Jordão e sua esposa Célia Francelino Fialho Jordão e seus filhos; ao Miguel Jordão e sua esposa Elineia Paes Jordão e seus filhos; ao Alceu Felipe e sua esposa Edineide Cândido e seus filhos por compartilharem a vivência, além de me receberem a fim de contribuírem nesta construção coletiva, pois sem a contribuição deles não seria possível realizar esta pesquisa.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Juliana Grasieli Bueno Mota, pela contribuição, compreensão e paciência no acompanhamento de orientação desta pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer aos professores que fizeram parte da banca de exame de qualificação: Professor Jones Dari Goettert, Professora Noêmia e Professor Paulo Baltazar, cuja troca enriqueceram e contribuíram na construção e conclusão desta dissertação.

Aos colegas do mestrado da turma de 2020, em especial à minha colega Gislayne Monfort que sempre esteve me ajudando, desde o período das aulas *online* por conta da pandemia, bem como nas correrias dos movimentos indígenas em que acabei perdendo algumas aulas na qual, em tais momentos, ela esteve sempre procurando um meio para que pudesse me ajudar.

Sinto-me muito honrado e contente em poder conhecer pessoas que surgem na nossa caminhada para somar: ao colega Guerreiro Kaiowá Germano, no qual

recentemente concluiu a graduação, das oportunidades que tive de conversar com ele, sempre trazendo palavras de fortalecimento, principalmente, em relação à realidade de estarmos ocupando o espaço acadêmico; à colega Clariana, na qual contribuiu muito nas ideias apresentadas, sempre procurando trazer contribuições ao pensarem uma construção coletiva; à Professora Fabiane Medina, que me cedeu um espaço em sua casa no qual eu pudesse me acomodar nos dias que tive que ficar por Dourados devido às aulas presenciais. Não poderia esquecer da professora Sandra Macedo e Lidimara Francisco, que me receberam de braços abertos na fase inicial da Pós-Graduação, oferecendo-me lugar para ficar, locomoção até a Universidade e que sempre estiveram aconselhando-me e orientando-me. A todos vocês o meu muito obrigado.

Por fim, reforço o meu agradecimento à toda minha família por estarem sempre comigo me encorajando e, principalmente, acreditando nas ideias que trago, ao pensarem uma construção coletiva, na qual todos possam ter voz para podermos ser respeitados nos espaços em que ocupamos.

“Uti konokoa oméa ra vemo’ú, úti konokoa koyuhoinoa viyéno, yusikoti akoyéa vokoyuhua ne emo’ú purutuye”.

“Nós é quem precisa levar a nossa voz, nós é quem deve falar em nome do nosso Povo, mesmo a gente não sabendo falar o português.” Justo Vicente

Itatané

O presente trabalho apresenta uma pesquisa relacionada às retomadas feita pelo povo Terena da TI Taunay/Ipegue. De início, apresenta o histórico desse povo guerreiro, o contato com os não indígenas, além de inserir uma parte correspondente ao período da participação na guerra do Paraguai, época este que ficou marcado e que afetou profundamente a história desse povo, principalmente relacionado ao seu *poké'ixa*, na qual a maior parte do que se sabe hoje sobre os Terenoe é dito a partir deste período. Tem como objetivo geral fazer uma breve análise das retomadas feitas pelos Terena nessa terra indígena e falar da importância desse processo denominado retomada, este que teve início no ano de 2013 com a retomada da “fazenda Esperança”. Em específico, traz o percurso da retomada Caçula e como atualmente o povo Terena o utiliza. Em relação ao embasamento teórico foram utilizados os conceitos de territorialização, desterritorialização, reterritorialização. Esta pesquisa faz uma conjuntura entre o conhecimento científico e o conhecimento tradicional, dessa forma respeitando o nosso saber tradicional.

Palavras-chave: Terena, retomadas, *poké'ixa*, tradicional.

Têrenoe

Enepora yutoéti ihíxaxovopeti hara veyoponeokonó xoko íhauti retomada itukoné Têrenoehiko íhae ipuxovokú kopénoti koeháti Toné/Ipéakaxoti. Inúxoti hané koyuhoponó exétina ya mekuké, Inâ'a tokôpo purutuye, Kalihú kixoa apê'e neko isukokotí xapa káxeono, pihotiné kaxehikó itopono esáikea kixoku koêku eneponé *poké'ixa*, koanemaka eneponé exeokonó ne terenehiko enomoné xokoyó neko isukokotí. Ya héu koetike enepora yutoetí hané koyuhopó kixokú koêku itukôa Têrenoehiko ne retomada, kixokú unatikó xapá úti ne retomada, ya koukoponeovó 2013 retomadaxopokonó eneponé oyonókuti koeháti peransa. Koati kahá'ané vexokea enomoné ne koeku retomada caçula, kixoaku iko'itukexea viyenó yara koêku. Xokoyoké iháxoné purutuyé embasamento teórico hané ikoítukexokonó itúkotí *poké'ixa*, hu'uxokonoti *poké'ixa*, hu'uxópoti *poké'ixa*. Enepora ihíxaxovopetí ikaha'iné kixó exonéti ukeâti ihíxaxovokutiké yoko exonetí ituké kopénoti, exokouti teyea éxone kopénoti.

Emo'úti hoinaxovopé: Têrenoe, retomada, *poké'ixa*, koatí exokovotí itukovotiyé.

Resumen

El presente trabajo presenta una investigación relacionada con los retoques realizados por el pueblo Terena de la TI Taunay/Ipegue. Al inicio presenta la historia de este pueblo guerrero, el contacto con el pueblo no indígena, inserta una parte del período de participación en la guerra del Paraguay, época que marcó y marcó profundamente la historia de este pueblo, relacionado principalmente con sus poké'exa, y en el que la mayor parte de lo que se sabe hoy sobre los Terenoe se cuenta de ese período. Tiene como objetivo general hacer un breve análisis de las reconquistas realizadas por los Terena en esta tierra indígena, para hablar de la importancia de este proceso denominado reconquista, que se inició en 2013 con la reconquista de la “finca Esperança”. Específicamente, trae la ruta de la reanudación de los más jóvenes y cómo la gente de Terena la usa actualmente. En cuanto a la base teórica se utilizaron los conceptos de territorialización, desterritorialización, reterritorialización. Esta investigación hace una coyuntura entre el conocimiento científico y el conocimiento tradicional, respetando así nuestro conocimiento tradicional.

Palabras clave: Terena, retakes, poké'exa, tradicional.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia	1:	Hiyokená Kipâ'e	(Dança da Ema).....	17
Fotografia	2:	Ancião Hoyonôxo	(Justo Vicente).....	24
Fotografia 3: Nâihico (Caciques).....				33
Fotografia	4:	Conversa com o Ancião Vilú.....		39
Fotografia	5:	Koéxoneti	(Conhecedor)	51
Fotografia	6:	Hiyôti Kipâ'e	(Dança da ema).....	59
Fotografia	7:		Retomanda Caçula.....	66
Fotografia	8:	Inuxinotí retomada	(Liderança)	67
Fotografia	9:		Ancião Kovêko.....	69
Fotografia	10:		Sopôro (milho).....	71
Fotografia	11:		Kovêko (Caititu).....	72
Fotografia	12:	Criação de	Kûre (porco).....	73
Fotografia	13:	Kotukotí	(Tirando Leite).....	73
Fotografia	14:		Vakahiko (Vaca).....	74
Fotografia	15:	Criação de	Tapî'i (Galinha).....	75

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Fazendas inseridas no <i>Poke'exa</i> <i>ûti</i>	35
---	----

LISTA DE ETNOMAPA

Etnomapa 1: Terra Indígena Taunay/Ipegue.....	15
Etnomapa 2: Terra Indígena, território tradicional e principais pontos afetivos históricos.....	62
Etnomapa 3: Terra Indígena, território tradicional e principais pontos afetivos históricos.....	63
Etnomapa 4: Terra Indígena, território tradicional e principais pontos afetivos históricos.....	64
Etnomapa 5: Terra Indígena, território tradicional e principais pontos afetivos históricos.....	65

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Retomadas	34
-------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS

APIB – Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
Br – Rodovia Federal
CIMI – Conselho Indigenista Missionário
CF – Constituição Federal
Cpaq – Campus de Aquidauana
DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena
FCH – Faculdade de Ciências Humanas
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
GT – Grupo Técnico
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC – Ministério da Educação
MPF – Ministério Público Federal

MS – Mato Grosso do Sul

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

T.I – Terra Indígena

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

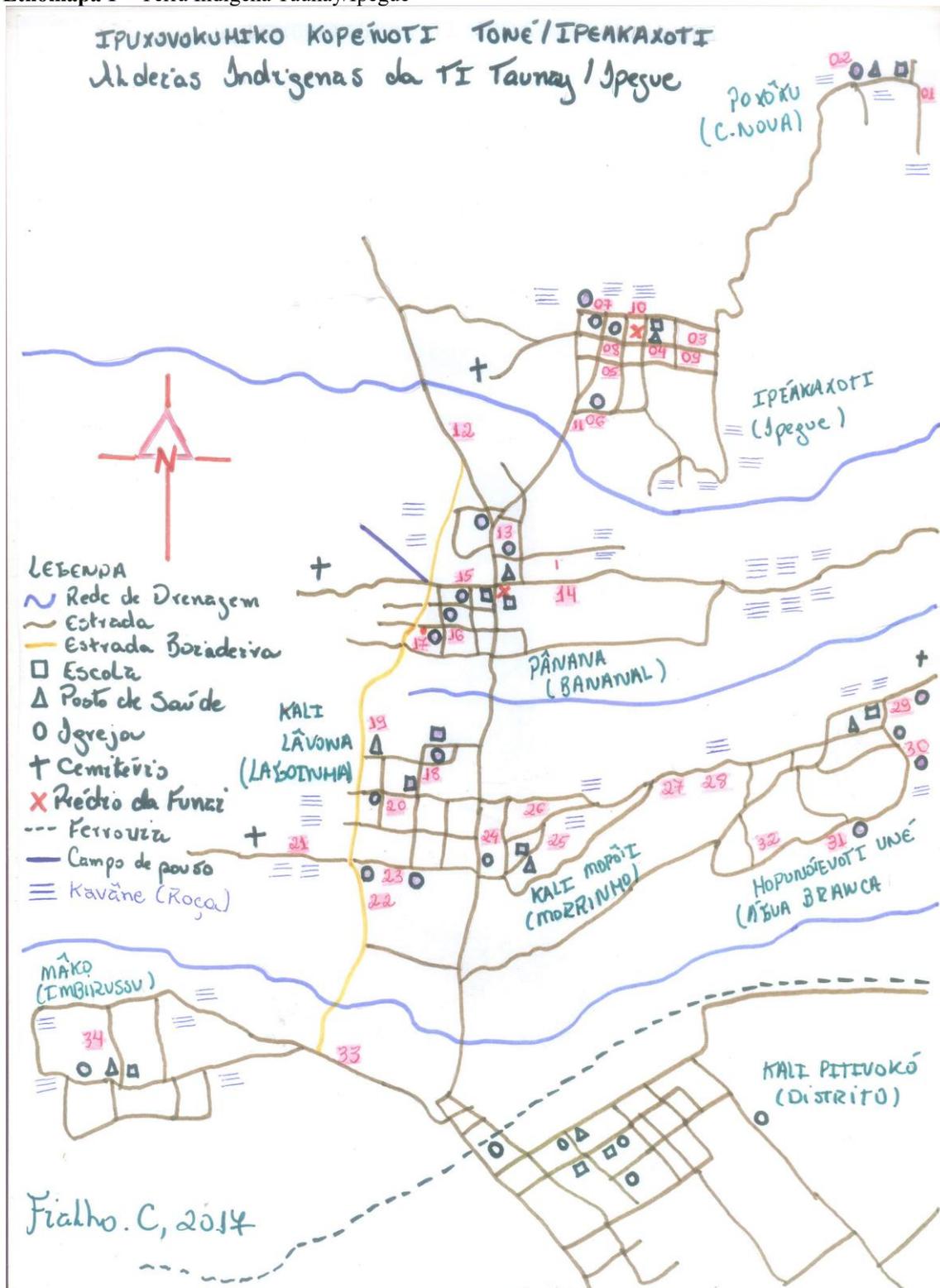
UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

Introdução	17
Capítulo 1	24
Vexetiná, Terenoe iháe Toné/Ipeakaxotí (Nossa história, Povo Terena da terra indígena Taunay/Ipegue)	24
1.1. Isukókoti xapá Káxeono (Guerra do Paraguai)	27
1.2 Retomahikó (Retomadas)	33
Capítulo 2	38
Kixokú Vitukeovó – Elementos Culturais do Povo Terena	38
2.1 Vilú-Simplicio Marcos - Artesão Terena	39
2.2 Hiyokena Kipâ'e (Dança da Ema)	58
Capítulo 3	62
Retomada Caçula	62
Conclusão	76
Referências	78

Etnomapa 1 – Terra Indígena Taunay/Ipegue



Fonte: Autoria do pesquisador. 2017.

Mapa mental elaborado em 2017 período este que estava no sexto semestre do curso de Geografia, me lembro muito bem desse dia, pensei comigo vou elaborar um mapa mental representando a espacialização do território Taunay/Ipegue, material que daqui algum tempo irei utilizar a fim de representar as nossas sete aldeias. Ali consegui representar alguns pontos da organização social Terena, organização essa que veio com o processo de colonização. Antes de 1977 era diferente, como conta os nossos anciões, com a visita de o Presidente Ernesto Geisel na aldeia bananal, trouxe até nós os traços típicos do mundo não indígena e a organização Terena iria passar por um processo de mudanças após aquela visita. Essa parte da história do nosso povo podemos dizer que também foi um grande marco, pois influenciou em muitas partes de como nós, enquanto Terenas, vivemos atualmente, a organização socio espacial, como a vinda do Presidente da República, atingiu os nossos costumes e as nossas tradições enquanto povo Terena.

Introdução

Fotografia 1 - Hiyokená Kipâ'e¹ (Dança da Ema)



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2021.

Trajetórias de um Kopenoti¹, Geógrafo e Pesquisador

Nessa primeira parte da dissertação irei fazer uma narrativa da minha trajetória de vida na universidade, falar um pouco da minha experiência em viver nestes dois mundos, que é estar na Aldeia e a minha inserção na universidade, espaço este que até um tempo atrás não era visto como lugar para nós indígenas.

O meu caminhar nos estudos começa no ano de 2000, tinha sete anos de idade quando entrei para a escola, nesse período iniciei as séries iniciais na Escola Municipal

¹ Registro feito no dia 19 de Abril de 2021, nesse período as nossas comunidades passavam por um período de luto por conta da Covid-19, mesmo assim fizemos a apresentação cultural da nossa dança Hiyokená Kipâ'e (Dança da Ema) em homenagem aos que se foram por conta da pandemia.

Indígena Pólo General Rondon e a minha professora na primeira série foi a professora Nilza Leite Antônio, indígena moradora da aldeia Bananal. Desconfiado com tudo não me senti muito bem nos primeiros dias de aula, pelo fato de ser algo novo para mim, e ter que conviver com outras crianças no espaço escolar, algo não muito comum do meu ²dia a dia até aquele momento. Com o passar do tempo fui me adaptando, fazendo colegas, aprendendo todos os dias. No ano seguinte fui para a segunda série e a minha professora daquele ano foi a Celma Francelino Fialho; aquele foi o período no qual eu comecei a aprender a ler. Fui aprovado e ingressei na terceira série, novamente quem me deu as aulas foi a professora Nilza. Logo após veio a quarta série, o que indicava o encerramento das séries iniciais, quem me deu aula neste período foi o professor Jonas Gomes da aldeia Ipegue.

Inicia-se uma nova etapa dos estudos no ano de 2004, eu sigo matriculado na mesma escola, mas agora cursando o ensino fundamental. Estava vivendo novamente coisas inéditas, os professores da cidade iriam me dar aula a partir deste momento, pois até aquele período na nossa região ainda não havia indígenas formados para dar aula nesse espaço do ensino fundamental. Foram vários aprendizados nessa fase de 2004 a 2007, naquele momento começaram a surgir várias perguntas na mente, respectivas às fases da vida.

Concluído o ensino fundamental, eu inicio o ensino médio na Escola Estadual Indígena do Ensino Médio Prof^o Domingos Verrissimo Marcos Mihin, escola localizada na aldeia Bananal, no ano de 2008. Até aquele momento, a escola estadual ainda não tinha seu prédio próprio, então ocupava o prédio da escola municipal e os horários das aulas ocorriam no período noturno. Foi nessa etapa que conheci vários jovens das aldeias vizinhas, que estudavam na mesma escola em que eu estava matriculado; foi uma experiência e tanto, pois mesmo vivendo na mesma terra indígena, sendo pertencente ao mesmo povo, vi que havia muitas diferenças entre nós.

Concluído o ensino médio em 2009, inicio uma nova etapa dos estudos fora da realidade na qual eu vivenciava. Desde as séries iniciais até o ensino médio, estudei no espaço da aldeia, algo totalmente diferente de estar inserido em uma universidade, e cujo espaço a presença não indígena é bem maior. Tinha conseguido uma vaga na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em 2010 curso de Engenharia Florestal, fiquei por um período de três meses no curso, acabei não me adaptando, acredito eu por

²Significa indígena na nossa língua Terena, muito utilizado pelos nossos mais velhos para se referir a uma outra pessoa pertencente ao nosso Povo ou de qualquer outro povo indígena.

não ter me preparado o suficiente para entrar naquele mundo que era totalmente diferente daquele que eu já conhecia e acabei desistindo do curso.

A minha caminhada na universidade teve sua continuação ou posso afirmar que foi o recomeço em 2014, no curso de Geografia bacharelado, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no município de Aquidauana. Eu havia entrado meio perdido, pois, eu fiquei alguns anos em outras atividades depois de ter concluído o ensino médio e desistido de uma graduação. Entrei na universidade pelo SISU², já nos primeiros dias de aula eu notava olhares diferentes das pessoas que pensam que nós indígenas não podemos estar nesses espaços acadêmicos. E desde que entrei eu sempre disse que sou indígena, nascido e criado na aldeia.

Concluí o primeiro semestre e comecei a participar de um projeto aqui na comunidade que foi o “Etnomapeamento da Terra Indígena Taunay Ipegue”, que abriu o ³leque e as portas para mim, pois, isso me ajudou a fazer pesquisas de campo nas retomadas que haviam sido fortalecidas em 2013. Porém, eu tinha uma outra visão sobre a retomada, pois a maioria das pessoas que trabalhavam nas fazendas eram indígenas da nossa terra indígena e para mim no momento que se retomava, sincronicamente, desempregava-se muita gente aqui da comunidade, porque a gente sabe muito bem que nesse sistema capitalista é muito difícil de se viver em uma condição de desemprego.

Então em 2015, durante os trabalhos de campo, comecei a analisar que minha visão estava totalmente equivocada, porque, quando o território era composto de fazendas, não se empregava nem metade das pessoas, mas nesse período de 2015 tínhamos retomado nossos territórios em cinco ou seis fazendas. Comecei a compreender que, por meio das retomadas, as pessoas estavam plantando, tendo suas pequenas criações, caçando, pescando e minha visão começou a mudar. Devido a tais percepções eu comecei interessar-me cada vez mais por essa temática. Fui percebendo o quão importante é a retomada dos nossos territórios para nós, povos indígenas. A partir de esse momento, comecei a me matricular em disciplinas do curso que poderiam ajudar-me a refletir mais sobre a questão do território.

Nesse contexto, em 2016 comecei a fortalecer minha participação nos movimentos indígenas, ouvindo, aprendendo e participando de encontros estudantis. Em

³Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é uma plataforma digital no ar desde janeiro de 2010 sendo desenvolvida pelo Ministério da Educação brasileiro e utilizada pelos estudantes que realizaram o Exame Nacional do Ensino médio (Enem) para se inscreverem nas instituições de ensino superior que aderiram totalmente ou parcialmente, com uma certa porcentagem de suas vagas, à nota do Enem como forma de ingresso, em substituição ao vestibular.

um desses movimentos, participei de um evento em Curitiba, com pessoas do curso de licenciatura intercultural Povos do Pantanal, que atende seis povos aqui do Mato Grosso do Sul e um dos professores do curso havia me convidado para ir junto. Simultaneamente, eu me encontrava em um processo de fortalecimento da minha etnicidade e dos conhecimentos tradicionais do meu povo. Participei do ENALIC- Encontro Nacional das Licenciaturas, sem muita experiência em relação ao encontro, assim como em relação à minha tradicionalidade. Após o encontro, acabei me tornando uma referência para muitas pessoas que estavam participando do encontro. Desta forma eu havia tido a primeira experiência de participar de um evento fora do Estado. Já no ano de 2017 comecei a articular junto aos demais acadêmicos a participação da Grande Assembleia do Povo Terena, na qual, naquela oportunidade, foi realizado na terra indígena Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti entre os dias 31 de maio até 3 de junho de 2017 e contou com presença de várias lideranças indígenas a nível local e nacional. Nesse mesmo ano, como a Assembleia Terena acontecia bianualmente, participei na Aldeia Água Branca terra indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana entre os dias 29 de novembro e 02 de dezembro. Nesta caminhada durante os meses de 2017, pude participar pela primeira vez do ENEI- Encontro Nacional de Estudantes Indígenas, realizado em Salvador-BA. O evento estava em sua V edição e eu consegui apoio da universidade, pelo fato de estar participando não somente como ouvinte, mas como apresentador de um trabalho que era resultado da minha primeira escrita, um pequeno resumo de cinco páginas. Também conheci várias pessoas de outros povos e, devido a esta oportunidade, pude me reconhecer mais ainda nessa multiplicidade indígena que habita o Brasil. A nossa maior luta e pauta é o território, sempre fomos desrespeitados, mesmo havendo leis do Estado que garantem o respeito aos direitos territoriais originários, porém, na prática, nada é executado.

O mais marcante naquele ano foi o primeiro movimento na qual estava na linha de frente, algo que nunca alguém havia feito até então. Foi um trabalho coletivo, mas que contou de início com um número pequeno de acadêmicos envolvidos. Passei a articular mais com as pessoas na universidade, e no mês de abril iniciei uma mobilização em uma noite cultural com ato de manifesto. Estávamos demarcando o nosso espaço dentro desse campo acadêmico, pois passaram muitos indígenas pela universidade, mas ainda não tínhamos demarcado de forma mais efetiva nossa autonomia e autodeterminação naquele espaço.

Nessas histórias e trajetórias, que fomos tecendo dentro da universidade com outros povos de outras universidades, realizamos um novo espaço cultural-manifesto em 2018, com uma ampla participação de pessoas da aldeia e da cidade, todos com um grande interesse de parentes indígenas da cidade. Em 2018 participei do VI ENEI, no município de Dourados-MS; assim como da Assembléia da Juventude Terena, realizada na terra indígena Limão Verde. Essa trajetória entre pesquisa e militância se fortaleceu no ano de 2018, quando passei a construir a minha pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia, visto que eu tinha certeza do que queria pesquisar sobre a importância do território tradicional para nós. Foi uma pesquisa difícil, pois muitos professores ficavam sempre com pé atrás sobre a temática, ofereceram-me outros temas, no entanto eu estava decidido sobre o assunto que eu queria pesquisar. Nesse contexto, conheci o professor Camilo, intelectual colombiano da Geografia Agrária, e ele prontamente se dispôs a construir junto comigo a pesquisa, um dos professores que me ajudou muito nessa construção.

Enfatizo que minha caminhada como pesquisador Terena sempre esteve aliada com a minha trajetória enquanto militante indígena. Em 2019 pude participar de uma mobilização em Brasília, a primeira Marcha das Mulheres indígenas, que eu acredito que foi algo muito forte para mim, pois nós, enquanto povo Terena, vemos que quem sempre participa das articulações são os homens. No encontro pude perceber que a força das mulheres é bem maior, bem mais forte porque foram muitas, bem mais do que quatro mil nessa grande mobilização. Fui para participar de vários espaços, mas estes locais eram, principalmente, direcionados às mulheres, logo, contribuimos com aquilo que podíamos. No ano em que foi realizada a Assembléia Terena, na aldeia Ipegue terra indígena Taunay/Ipegue, fiz parte da organização. No mês de setembro de 2019 tive a oportunidade de participar do Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas, VII ENEI que foi realizado em Porto Alegre-RS.

Nesse mesmo ano aconteceu a minha conclusão do curso e, ao fazer a defesa do meu trabalho que teve a contribuição de muitas pessoas, principalmente de um ancião da minha comunidade e que na qual considero-o meu mestre tradicional aqui na aldeia. Ele compartilhou muitos conhecimentos comigo, foi muito importante para mim na construção da pesquisa, além de estar relacionado à espiritualidade. Os mais velhos dizem que nem todos estão preparados para receber os conhecimentos tradicionais; eu tive esse privilégio e por isso insisti muito na construção da pesquisa sobre poke'xa ũti (nosso território), fui um guerreiro escolhido para descolonizar, em grande medida, o

espaço da universidade. Outras pessoas também foram muito importantes, como o professor Dr. Paulo Baltazar, com quem participei de projetos e que contribuiu muito durante a minha pesquisa.

Enquanto pesquisador Terena e geógrafo indígena acredito que demarcar o espaço na universidade é um eixo importante das nossas lutas, pois construímos uma caminhada de aliança entre a pesquisa e a militância, em que os nossos trabalhos buscam se fortalecer como um braço da luta e como uma forma de retornar à comunidade.

Ser pertencente a um povo indígena é ser diferente dos outros. Em muitos momentos sofremos vários preconceitos, somos vistos como a minoria que atrapalha o “progresso”, mas que progresso é esse que vocês tanto falam? Será que podemos definir o progresso de vocês como sendo algo que se insere aos poucos e ao mesmo tempo que tenta nos matar, acabar com tudo que é de suma importância para nós, que é o meio no qual estamos inseridos enquanto sociedade, independentemente de ser indígena ou não. O lugar, o espaço, o território, são várias denominações e conceitos para vocês, enquanto para nós tudo isso é definido somente com uma palavra que é Poké'exa ûti.

Poké'exa ûti³, para nós enquanto Terena, é algo que não pode ser definido através de conceitos, já que devemos estar inseridos nela para podermos entendê-la, cuidando-a, conservando-a, preservando-a. Infelizmente ou felizmente temos que nos inserir nesse mundo de conceitos para podermos ser ouvidos, temos que nos desdobrar para tentar trazer a nossa visão indígena para com o território na universidade. Estar inserido nesse mundo não indígena é você ter que aprender a falar outra língua, ler, estudar, para poder explicar o que a gente já sabe enquanto pertencentes a um povo indígena. Trago nessa pesquisa a minha visão/conhecimento enquanto pesquisador Terena.

Utilizar a linguagem técnica e pronunciá-la formalmente é algo que não tenho muita habilidade, muitos têm a teoria, vários têm o discurso, mas será que, posto em prática, eles realmente estão fazendo algo de diferente, ou estão sendo mais um nesse país colonizador? São várias perguntas, mas é através delas que surgem as respostas para a nossa caminhada. Doravante, utilizarei muito a palavra caminhada (yonôti) na minha escrita, pelo fato de ser um termo que na minha concepção representa muito o nosso povo Terena. Foi através da caminhada dos nossos mais velhos que estamos aqui hoje, muito de nossos antepassados tiveram que pausar a sua caminhada, ficaram no meio do caminho defendendo o nosso povo, foram mortos nas lutas travadas, desde os primeiros contatos e demais enfrentamentos em várias outras guerras, mas que poucas

foram registradas. Porém, tenho certeza de que esses nossos guerreiros(as), nos quais um dia foram parados, hoje estão conosco, por onde passamos temos eles presentes ao nosso lado. Que eles possam estar sempre conosco nos momentos de dificuldade falando de⁴ uma forma geral, eles(as) que nos seguram, encaminha, é a nossa base, para que possamos continuar firmes na luta.

O primeiro capítulo da dissertação apresenta a história do Povo Terena, uma pequena parte do primeiro contato com os não indígenas. Além de abordar a maneira como a colonização impactou profundamente o povo, fazendo com que se deslocasse de um “território” para outro. Discute a trajetória durante a Guerra da Tríplice Aliança, na qual o povo fez toda diferença para garantir uma parte do território para o Império brasileiro naquela época. Após a guerra ocorreu mais uma vez o processo de desterritorialização no povo Terena e cada vez mais a extensão territorial para o Terena diminuía, confinando-os em reservas e terras indígenas delimitando o nosso espaço, algo que para nós indígenas significa nos exterminar aos poucos, pois um povo sem território significa que ela não existe. Esta prática colonizadora de delimitar um espaço é totalmente contraditória à visão indígena. Para nós poké'exa ũti é em todo lugar.

Esse capítulo discorre sobre a construção coletiva da criação do Conselho Terena, período este que foi um marco para o fortalecimento do povo. O processo de retomada do território tradicional da terra indígena Taunay/Ipegue, que teve seu início em 2013. Enumerando quais eram as propriedades que ocupavam o território tradicional de 33.900 hectares.

O segundo capítulo discorrerá sobre os elementos culturais do povo Terena, qual a importância deles nessa luta constante, além de pensar no futuro do nosso Povo, para que as futuras gerações não se esqueçam das nossas raízes.

O terceiro e último capítulo irá discorrer sobre a retomada escolhida para ser o foco principal da minha pesquisa, além de discorrer como foi a caminhada do início do processo de retomada, da narrativa das famílias que são moradores da retomada caçula. Quais trabalhos foram e estão sendo executado nessa retomada, assim como fazer uma análise do tempo, pensando no início em 2013 até o presente momento do ano de 2022, principalmente no que concerne a questão da regeneração das árvores nativas, pensando na conservação do cerrado e do pantanal.

⁴ Significa “nossa Terra, nosso Território”.

Capítulo 1

Vexetiná, Terenoe iháeToné/Ipeakaxotí (Nossa história, Povo Terena da terra indígena Taunay/Ipegue)

“Koyuhoinovea voxunoem itukeovo poké’exa ûti óvoku ne oyonokutihiko, ovokuné inuxotihiko vipuxovoku” (Nossos antepassados sempre nos falou de que o território na qual estão instalados as fazendas, é território nosso, é ali que ficavam as nossas primeiras aldeias) Ancião Aldeia Ipegue Justo Vicente.

Fotografia2 – Ancião Hoyonôxo (Justo Vicente⁵)



Foto: Arquivo do Pesquisador, 2020.

⁵ Justo Vicente, ex Nâti⁵ da aldeia Ipegue, liderança respeitado na terra indígena Taunay/Ipegue, fez parte da construção do artigo 231, 232 da Constituição Federal, junto a outras lideranças indígenas do Brasil. Um dos meus mestres do saber tradicional.

O território é essencial para o modo de viver dos povos indígenas, sem território não há vida para eles (nós), pois quando falamos de território indígena estamos nos referindo ao passado, ao presente e ao futuro de qualquer povo. É dele que vem a subsistência, a espiritualidade, o modo de viver, a cultura, a saúde, a educação, pois tudo está interligado ao *Poké'exa ûti* (nosso território). Para sabermos sobre a vida passada dos Terena é muito importante ouvir os relatos orais dos mais velhos, já que a tradição oral revela os momentos mais significativos do povo Terena, ou de qualquer outro povo indígena.

A princípio, irei utilizar os conceitos dos autores não indígenas, mas com o decorrer da escrita irei inserir conceitos no *vemo'ú terenoé* (nossa língua terena), além de trazer a nossa geografia indígena para a universidade e aos poucos descolonizar esse espaço.

É essencial compreender que para nós indígenas o território não é uma parcela de terra que pode nos oferecer riqueza, mas sim um espaço onde há muitas vidas, vidas essas que se interligam para o bem-estar da nossa casa, que é o nosso planeta. Para que haja o futuro e o presente de um povo, teve que haver o passado. É nesse passado que os povos passaram por diversos processos, no caso dos Terena da TI Taunay/Ipegue foi um passado sofrido, pois fomos expulsos do nosso território tradicional e fomos transformados em escravos nas fazendas que foram instaladas em nosso próprio território. As mulheres foram estupradas, foram obrigadas a deixar de falar a sua língua mãe para que pudesse servir de mão de obra nas propriedades.

Nessa primeira parte abordaremos a primeira etapa da pesquisa, na qual iremos discorrer sobre a história desse povo guerreiro. Devemos recorrer às várias fontes de informação, livros, teses, dissertações e pesquisas relacionadas ao povo Terena.

Segundo a historiografia, os Terena pertencem ao tronco linguístico Aruak, e é um subgrupo Guaná:

Com relação aos termos Guaná e Chané, Eremites de Oliveira e Pereira (2003, p242) destacam que “Guaná-Txané, também citado como Guaná, Chané ou Chané-Guaná, é uma categoria genérica”, e ainda que “os antigos Guaná falavam, até o período anterior a guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864-1870), diversos dialetos Aruak, estavam divididos nos sub-grupos Terena (Etelenoé), Echoaladi, Quinquinau (Equinquinau) e Laiana (Layana)”. Esses grupos foram fundidos em uma única denominação reconhecida pelo Estado Brasileiro, os Terena no século XX. (XIMENES, 2017, p. 31).

Já iniciamos com uma questão muito discutida quando se trata do subgrupo no qual nós Terena pertencemos. Aqui reforçamos de que a denominação Guaná ou Chané é uma categoria utilizada por cronistas, com o intuito de criar uma unidade entre os grupos, baseado em algumas características similares.

A partir do século XVI os Terena tiveram o primeiro contato com os “purutuye”(não indígena) quando as expedições portuguesas e espanholas atraídas pela existência de ouro e prata na região dos Andes, passaram pelo Chaco⁶ que era o caminho mais curto para se chegar na região das minas. Ao serem confirmadas a existência de ouro e prata nessas regiões, os portugueses e os espanhóis passaram a instalar suas casas e construindo vilas. Consigo eles traziam ferramentas para a agricultura e plantas e animais, tudo isso provocou uma mudança profunda na vida dos Terena. O povo Terena se viu no meio de do conflito entre os espanhóis e portugueses, pois os europeus estavam na disputa pela extração de ouro e prata na área. Como na região do Chaco existiam outros povos indígenas, esses sujeitos acabaram criando estratégias para sobreviver em meio a tanta disputa.

Segundo Baltazar (2010, p. 21):

Diante da divergência entre os povos da região, os espanhóis se aliaram aos Guaraní para combater os seus inimigos, os MbayaGuaicurú/Guaná, que, por sua vez, fizeram aliança com os portugueses. Nesta área de conflitos entre os europeus e diversos povos indígenas no Chaco, foi ainda motivo de disputa a estreita ligação dos Terena com a terra, da qual dependiam, especialmente no caso da extração e da agricultura de subsistência. A pressão pelo uso da terra levou os Terena a se deslocarem em busca de terras virgens.

Já no “território brasileiro⁷”, os Terena enfrentaram diversas situações, pois já havia grupos étnicos instalados na região. O povo Terena fez uma aliança com os Guaicurú, ou seja, havia uma relação com troca de conhecimentos tradicionais e habilidades. Como os Terena tinha um conhecimento muito rico em relação à agricultura, eles forneciam alimentos aos Guaicurú, em troca disso os Guaicurú ofereciam proteção contra o ataque de inimigos.

Os Terena foram os primeiros a ocupar a região de Miranda como afirma Bittencourt, Ladeira (2000, p. 42):

⁶ É uma região no Centro da América do Sul, com aproximadamente 850.000 km² divididos entre os territórios do Paraguai, da Bolívia, da Argentina e do Brasil. Possui grande diversidade de ambientes com áreas planas alagadas, serras, brejos e banhados, além de florestas (Silva et al, 2000).

⁷ A invenção de estabelecimento de fronteira foi trazida pelos não indígenas.

Na época em que os Terena deixaram o “Êxiva”, a região de Miranda era desabitada. Eles foram os primeiros a ocupar a área. A ocupação da região pelos portugueses começou depois da descoberta de ouro na região de Cuiabá e em Mato Grosso, no século XVIII várias povoações foram fundadas pelos portugueses nessa época: Cuiabá (1727); Albuquerque e Vila Maria (1778).

A partir deste evento podemos afirmar que os Terena foram os primeiros a se territorializarem na região que hoje é o Estado de Mato Grosso do Sul, especificamente município de Miranda/Aquidauana.

Os portugueses construíram vários fortes (Forte de Coimbra 1775, Forte Dourado e Presídio de Miranda 1778). A região do então chamado Mato Grosso era conhecida desde o início do século XVIII, quer por Bandeirantes paulistas, quer por missionários Jesuítas de Assunção, no Paraguai. Diante da necessidade de demarcação das terras por ambas as Coroas, era conveniente a implantação de algum ponto de apoio naquela região. Por parte de Portugal, desse modo, floresceu a idéia de se construir um presídio mais ao sul, próximo aos espanhóis, preocupados em defender suas fronteiras dos espanhóis. O forte foi fundado em 13 de setembro de 1775, no estreito de São Francisco Xavier, na margem direita do rio Paraguai: o "Presídio de Coimbra". Recorde-se que um "presídio", à época, era um estabelecimento militar de colonização.

Enquanto os espanhóis queriam instalar fazendas de gado para garantir a posse da região e expulsar as populações nativas, os portugueses procuravam garantir o domínio da região através de acordos com os indígenas, além de construir os fortes.

Para dominar a região, os colonizadores faziam de tudo para conseguir a confiança dos indígenas, especialmente dos Guaicurus, pois os Terena tinha uma aliança com os Guaicurus. Desta maneira, conseguindo dominar os temíveis “cavaleiros”, forma pela qual os Guaicurus eram conhecidos, com certeza os Guaná iriam se render também.

Após muitos confrontos, os Guaicurus tiveram interesse em estabelecer um acordo com os portugueses. Depois do tratado de 1771, a aliança entre os Guaicuru e os Guaná começou a se enfraquecer, dessa forma os Guaná ampliaram o contato com os brancos, principalmente depois da independência do Brasil em relação ao Portugal (1822).

1.1. Isukókoti xapá Káxeono (Guerra do Paraguai)

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América Latina. Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta

pelo Império do Brasil, Argentina e Uruguai. Ela se estendeu de dezembro de 1864 a março de 1870. É também chamada Guerra da Tríplice Aliança, na Argentina e no Uruguai, e de Guerra Grande, Guerra Contra a Tríplice Aliança e Guerra-Guaçu no Paraguai.

Alfredo d'Escragnolle Taunay, um dos principais cronista dessa guerra, afirmou que no distrito de Miranda havia mais de dez aldeias, constatando que os Terena formavam a maior população indígena da região. Suas aldeias estavam localizadas no Naxedaxe, a seis léguas da Vila de Miranda, a sete léguas e meia desta mesma vila estava localizada a aldeia de Ipegue, encontravam-se também em Cachoeirinha e a três léguas dessa, no aldeamento denominado Grande, além de outras pequenas localidades. E ainda estimou a população Terena entre três a quatro mil índios que viviam espalhados nessas diversas localidades. Muitas das quais foram destruídas pela mencionada guerra, resultando na total desorganização dos povos indígenas, devido à perda de sua autonomia política e econômica. (VARGAS, 2005, p. 01).

A guerra obrigou os Terena a fazer alianças para garantir a sobrevivência da etnia, foi uma decisão que afetou profundamente o futuro do povo. Mais uma vez, em meio a conflitos, os Terena tiveram que estabelecer alianças por participarem da Guerra ao lado do Império brasileiro. Os Terena viram suas aldeias serem atacadas de forma violenta. Este povo lutou a guerra para garantir o território que ocupavam, mas esse direito não foi garantido pelo Estado brasileiro.

Desta forma, é possível evidenciar a importância que os índios tiveram no período da guerra: uma vez que estiveram presentes lutando contra os paraguaios, abastecendo o exército com alimentos e informações. Todavia, sua participação nessa guerra e todos os seus feitos não foram suficientes para lhes garantir um de seus bens mais preciosos, a posse dos antigos territórios que tradicionalmente ocupavam antes desse conflito, na região do então sul de Mato Grosso. (VARGAS, 2005, p. 04).

A partir disso houve o processo de desterritorialização do território terena como nos apresenta Vargas:

O fim da Guerra contra o Paraguai representou, para os Terena, o começo de uma outra batalha pela sua sobrevivência, pois, além de muitos índios terem sido dizimados, muitos outros, ficaram doentes e miseráveis. Como se isto não bastasse, não possuíam mais a posse sobre os antigos territórios que ocupavam, tomados agora pelas fazendas que se proliferavam pela região indicando assim a sua desterritorialização (VARGAS, 2005, p. 04).

A partir dos estudos realizados por Haesbaert (1997):

A desterritorialização de que falamos aqui está profundamente ligada a um processo dito moderno de desenraizamento dos indivíduos em relação ao seu território, envolvendo-os em múltiplas redes que desfazem a interlocução e a solidariedade, promovendo a competição, o individualismo e/ou a

massificação. Isso não quer dizer que, embora mais raramente hoje em dia, a desterritorialização não tenha também um aspecto positivo, justamente quando se constitui numa etapa para a construção de uma reterritorialização em redes/territórios de maior fraternidade e solidariedade. Na maioria das vezes, porém, a desterritorialização ocorre fragmentando os indivíduos, tanto pelo fato de desconectá-los em relação ao espaço e à natureza, destruindo seus marcos culturais de identidade, quanto pelo fato de atingir desigualmente e desarticulando dimensões econômica, política e cultural, fragilizando os movimentos sociais e tornando muito mais ambíguas as relações entre grupos e territórios. (HAESBART, 1997, p. 258).

Através do conceito de desterritorialização, podemos afirmar que esse processo teve o seu início no século XVIII, quando os Terena se deslocaram do chaco Paraguai para o chaco Brasileiro pelo fato dos espanhóis e portugueses invadirem o seu território.

Após o término da guerra, houve o segundo momento, em que os Terena continuaram a vivenciar esse processo de desenraizamento:

Mas aí veio a guerra contra o Paraguai e a história Terena muda radicalmente. A eclosão do conflito entre o Paraguai e a Tríplice aliança, no final de 1864, viria a afetar de forma dramática, a vida em todas as aldeias Txané. Em primeiro lugar, a guerra acarretou uma mudança radical no modus vivendi destes grupos indígenas com a população local. Finda a guerra, o quadro político-social se alteraria radicalmente e os Terena passariam a se relacionar com um grupo humano mais heterogêneo na sua composição – e mais oportunista. A desmobilização das tropas fixou na região pessoas aventureiras e ambiciosas, e que haviam participado de uma guerra violenta e quase sem comando e dispostas a lutar para iniciar a ocupação de uma região devastada do ponto de vista político e social. Em segundo lugar, a guerra com o Paraguai teve como consequência a dispersão das aldeias Terena por uma vasta região. E este fato poderia ter sido um evento passageiro, e sem poder suficiente para abalar e transformar, como o fez, inapelavelmente a estrutura social Terena, não fosse a perda das suas bases territoriais tradicionais. Findo o conflito, quando começaram a retornar aos seus territórios tradicionais, estes já haviam sido tomados em grande parte por terceiros. (AZANHA, 2000, pág 78-79).

Quando a guerra termina os Terena começam a voltar para os seus antigos aldeamentos, aldeias totalmente destruídas tinham agora novos habitantes, ou seja, oficiais do Exército Brasileiro que resolveram ficar na região, grupos de paraguaios também começaram a chegar para ocupar o território que antes da guerra era ocupado pelos Terena.

Fazendo a análise do processo ocorrido com os Terena, desterritorialização significa transferência da sociedade Terena de seus antigos territórios, realizada sob alguma forma de pressão, mas levando consigo traços de sua cultura (VARGAS, 2003, pág. 28).

Baltazar (2010, p. 25) afirma que:

Vale lembrar que em 1850 foi decretada a “Lei de Terras” que tinha como objetivo a colonização da região. Isso fez com que as terras se valorizassem, principalmente porque a compra e a venda não precisavam passar pelo aval do governo. Isso significou uma grande perda para os Terena, já que as terras podiam ser comercializadas sem a chancela governamental. Muitas terras indígenas foram vendidas ou incorporadas aos latifúndios vizinhos às áreas indígenas.

Portanto, desde o século XIX o governo brasileiro tem desrespeitado e violado os direitos sobre o território às populações indígenas, principalmente aquelas que lutaram e derramaram sangue no combate contra os invasores.

Através do incentivo do governo republicano, a ocupação de terras no centro-oeste começou a multiplicar fazendeiros e colonizadores invadindo e delimitando áreas que antes eram pertencentes aos indígenas. Com tudo isso decorrendo, os Terena foram obrigados a servir de mão de obra, uma vez que cada vez mais era cercado por fazendas de gado.

Para entender o atual momento do Povo Terena, especificamente relacionado ao território tradicional, tivemos que recorrer ao histórico desse povo, desde a saída do “Êxiva” até se territorializarem no centro-oeste brasileiro. A participação na guerra do Paraguai, até chegar ao momento atual (século XXI), momento em que se iniciou o processo de reterritorialização do poké’exa úti.

O território Terena, demarcado em 1905 por Marechal Rondon, especificamente da TI Taunay/Ipegue, está localizado no município de Aquidauana, estado de Mato Grosso do Sul e tem pouco mais de 6.400 hectares. Ele é composto por sete aldeias sendo elas: Pânana (Bananal), Ipéakaxoti (Ipegue), Kali Lâvona (Lagoinha), Hopunó’evoti Úne (Água Branca), Kali Mopô’i (Morrinho), Mâko (Imbirussú), Poxôku (Colônia Nova), a TI tem uma população de aproximadamente 7 mil pessoas segundo os dados da SESAI (2018). Cada aldeia tem uma escola municipal, que atende as crianças indígenas, as aldeias Ipegue e Água Branca atendem aos alunos do pré-escolar ao ensino fundamental, enquanto a Bananal e a Lagoinha têm duas escolas cada, uma municipal e uma estadual. Com isso atendem do pré-escolar ao ensino médio, já as aldeias Imbirussú, Morrinho e Colônia Nova, que são as menores, atendem as crianças do pré-escolar e das séries iniciais. As aldeias maiores têm o modelo de arruamento copiado da cidade.

O novo modelo espacial-geográfico, impresso em terras indígenas (especialmente as aldeias Bananal e Ipegue), foi copiado da planta da cidade dos brancos, com ruas paralelas e transversais, formando quadras. Mais tarde, com a implantação das redes de água encanada e de energia elétrica, a iluminação das “ruas”, além do transporte coletivo da aldeia para a cidade – típicas de uma organização urbana não indígena – a etnia Terena deparou-se com o desafio de reconstruir a sua identidade cultural. (Baltazar, 2010, p. 12).

Desde que foi demarcado o seu território, os Terena sempre lutaram e reivindicaram, pois, segundo eles, o território que foi demarcado em 1905 não era somente aquela parcela, mais era bem mais abrangente. Até que nos anos 80 os direitos indígenas foram incluídos na Constituição Federal de 1988. Esta foi uma luta coletiva, foram vários os apoiadores, reivindicando o direito à demarcação das terras indígenas, entre outras reivindicações.

Segundo o Art. 231 da Constituição Federal de 1998: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças, e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo a União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. A própria CF/88 estabelecia que o Estado tinha 5 anos para fazer a demarcação de todas as TI tradicionais, o prazo venceu em 1993.

Depois de a Constituição surgiu o decreto 1.775/96, que especifica como seria esse procedimento de demarcação, que é um procedimento administrativo, que envolve o Poder Executivo (FUNAI, Ministério da Justiça e Presidência da República) e nunca o poder Legislativo e Poder Judiciário. É um procedimento com várias etapas, que começa com o estudo antropológico de identificação da TI, para logo após vir a Portaria Declaratória do Ministro da Justiça, que irá declarar os limites da terra indígena e determinar a sua demarcação, terminando com a homologação mediante decreto pelo Presidente da República. A cada ano que passava nada era resolvido e nenhuma providência era tomada em relação ao território. Até que, em 2003, foi feito o levantamento antropológico pelo GT da FUNAI e, através deste estudo, elaborou-se o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da TI Taunay/Ipegue, em que apontou uma área de ocupação tradicional de 33.900 hectares. O GT da FUNAI cumpriu o seu papel, enquanto isso o Estado Brasileiro continuava, e ainda continua emperrando o processo.

Com a demora do estado no processo de demarcação das áreas que lhe são asseguradas por direito, o Povo Terena começou a se mobilizar e a se organizar para resolver a questão do território. Várias reuniões locais foram realizadas na TI

Taunay/Ipegue no ano de 2012, tendo como principal pauta a questão do território. A primeira reunião ocorreu na aldeia Hopunó'evoti Uné (Água Branca) em março de 2012, os organizadores foram os próprios indígenas Terena, os principais: Lindomar Ferreira, Luiz Henrique Eloy, Elvisclei Polidório, Dionédson Candido e Zacarias Rodrigues. Também estavam presentes as lideranças da terra indígena Taunay/Ipegue(ex-caciques, professores indígenas, acadêmicos, mulheres, rezadores). Foi nessa reunião que foi constituída uma comissão de lideranças com o objetivo de levar a discussão para as demais aldeias e com isso foi constituída a Comissão Fundiária.

Foram marcadas outras reuniões nas aldeias Pânana (Bananal) e Kali Mopô'i (Morrinho), para mobilizar toda comunidade para o movimento de luta pelo território. Nessas reuniões foram discutidas a situação jurídica dos territórios tradicionais e, após fazer a análise do procedimento administrativo de demarcação e da ação judicial que havia suspenso a demarcação, a comunidade chegou a uma conclusão de que era preciso adotar formas próprias de mobilização social.

Assim, nos dias 1º, 2 e 3 de junho de 2012 foi realizado a primeira grande reunião Terena contando com a participação de quase a totalidade dos caciques Terena e lideranças Kadiwéu e Kinikinau. Na abertura da Assembleia uma anciã da Aldeia Água Branca afirmou que desde a guerra do Paraguai os Terena, os Kadiwéu e os Kinikinau não se reuniam, e reforçou dizendo que ali não se tratava de uma simples reunião, mas de uma HánaitiHo'únevoTerenô – Grande Assembleia do Povo Terena. (Eloi, 2014,p. 76).

Essa reunião teve um papel fundamental para a troca de idéias e de estratégias, pois naquele momento todos estavam com um só pensamento de procurar meios para solucionar a questão do território. Além disso, começou a surgir uma aproximação entre as lideranças das aldeias com os professores e acadêmicos indígenas, algo que não havia até aquele momento, pois estavam dispersos no que diz respeito à pauta referente aos seus territórios tradicionais. Após muitas reuniões, encontros, trocas de idéias, chegou-se a uma conclusão: como o Estado estava com muita burocracia e os indígenas estavam esgotados de tanto esperar, começaria assim o processo de retomada do território tradicional.

1.2 Retomahikó (Retomadas)

As retomadas são instrumentos próprios e legítimos dos povos indígenas de reterritorializar os espaços que foram invadidas ou retiradas, e fazer valer seus direitos étnicos que estão na Constituição Federal (1988).

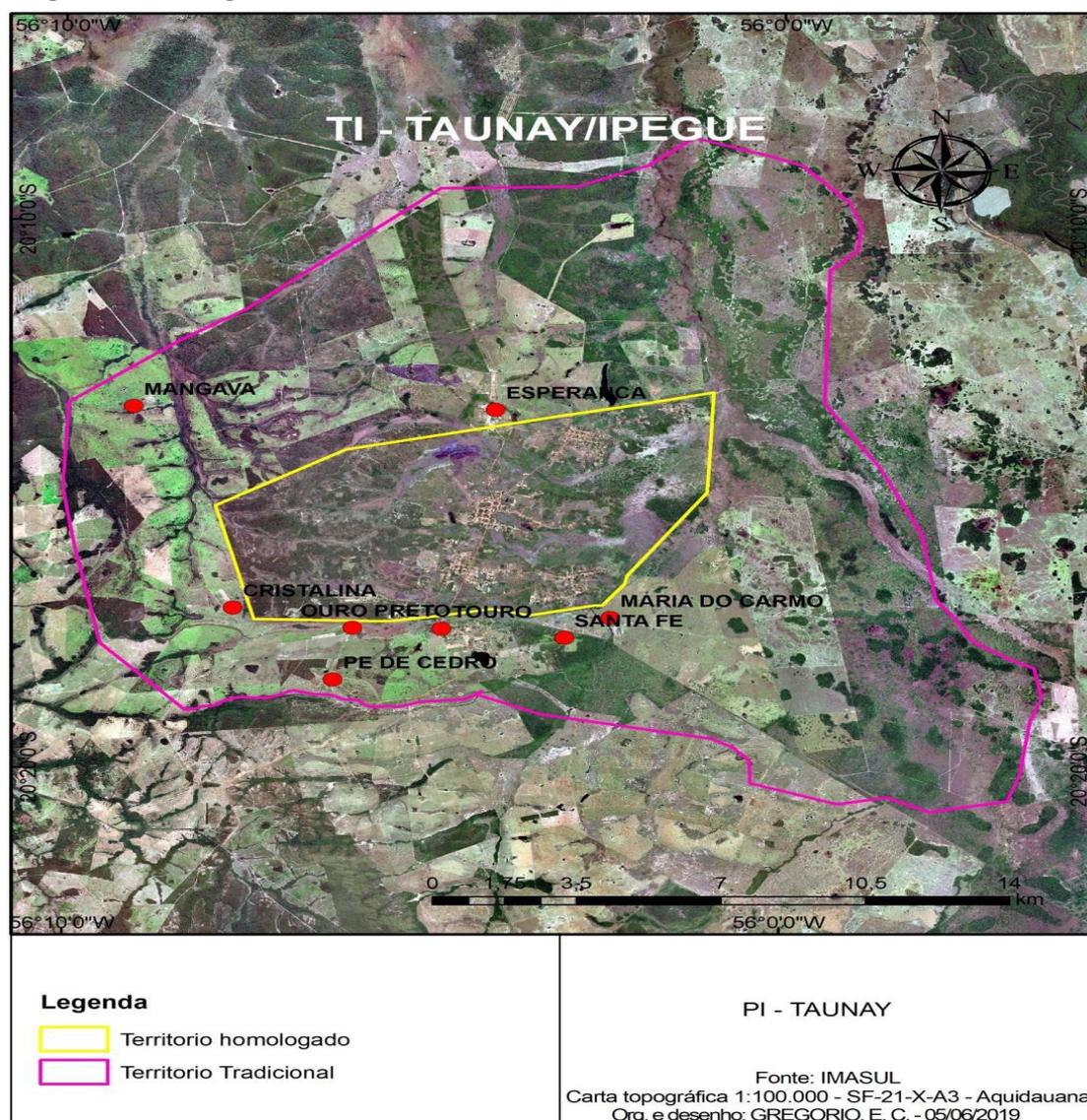


Fotografia3 – Nâihico (Caciques⁸)
Foto: Arquivo do Pesquisador, 2019.

Essa imagem retrata de que a nossa luta é constante em busca dos nossos direitos, e um dos meios que sempre utilizamos para ser ouvidos é indo às ruas, acompanhados das lideranças, dos jovens, das mulheres, das crianças, sempre em coletividade.

⁸ Lideranças da terra indígena Taunay/Ipegue, marcando presença, somando, numa manifestação idealizada por acadêmicos indígenas contra os cortes na área da educação.

Mapa 1 - Carta/Imagem - Território tradicional



Fonte: IMASUL. 2019.

Através do mapa podemos ver a extensão territorial do território tradicional dos Terena da TI Taunay/Ipegue, território este que durante décadas ficou na mão dos

fazendeiros. A maior parte deles foram devastados e no lugar do cerrado/pantanal, bioma predominante daquela localidade, foi totalmente modificado pela ação antrópica, desmatando-o e assim deixando de ser cerrado e se transformando em pastagem. Com toda essa violência, o modo de viver dos indígenas das sete aldeias foi profundamente afetado. Conforme foi desmatando as vegetações, as nascentes começaram a secar, com isso os *notuaká* (córregos), que cortam as aldeias, acabaram secando. Os lugares que antes serviam como meio de subsistência, com passar do tempo foram sendo prejudicados. Além disso, no território tradicional em que estavam ocupados por propriedades rurais, estão os antigos aldeamentos dos Terena (Naxedaxe, Pokô'o, Tûmiku), e lugares sagrados como Yûxu, Haukókuti.

Os Terena são conhecidos como excelentes agricultores, mas conforme foi aumentando o número de pessoas nas aldeias, o espaço para o plantio foi diminuindo e a terra foi desgastando, ou seja, tornando-se improdutivo. Deste modo, a produção de alimentos, tanto para consumo quanto para a comercialização, foi caindo aos poucos. Eis a necessidade de lutar para retomar o poké'exa ûti.

Foi com o grito de Poké'exa ûti! Poké'exa ûti! que o Povo Terena da TI Taunay/Ipegue retomou a primeira fazenda que estava inserida dentro de seu território tradicional. No dia 31 de maio de 2013, cerca de 500 indígenas retomaram uma parte da “fazenda esperança”. No total ela tem uma área de 12 mil hectares e que são divididas em quatro partes cada um com três mil hectares.

Na madrugada do dia 31 de maio, indígenas se deslocaram das sete aldeias pertencentes da TI Taunay/Ipegue, em direção a “fazenda esperança” com o objetivo de retomar uma parte do território que, segundo a história oral e comprovada através do estudo antropológico, é pertencente a esse grupo indígena. A partir disso tudo que os antepassados dos Terena sempre sonharam, buscaram, lutaram, pois aquele momento seria o início para recuperar tudo que foi roubado, invadido. Em muitos casos, os Terenas foram retirados à força do seu próprio território.

No total eram 17 propriedades que estavam dentro do território tradicional, cuja correspondência em área chegava a 33.900 hectares. Logo abaixo encontraremos a relação das propriedades que estavam inseridas no *Poké'exa ûti*.

Tabela 1 – Fazendas inseridas no *Poké'exa ûti*

Propriedades	Data da retomada
Faz. Esperança I	31/05/2013

Faz. Esperança II	31/05/2013
Faz. Esperança III	31/05/2013
Faz. Esperança IV	31/05/2013
Faz. Maria do Carmo	28/11/2014
Faz. Ouro Preto	27/07/2015
Faz. Cristalina	27/07/2015
Faz. Mangava	27/07/2015
Faz. Touro	13/05/2016
Faz. Água Branca	13/05/2016
Faz. Ipanema	13/05/2016
Faz. Pedrão	13/05/2016
Faz. Santa Fé	13/05/2016
Faz. Funil	13/05/2016
Faz. Capão de Araras	13/05/2016
Parte da Faz. Anhumãs	11/08/2018

Fonte: arquivo do pesquisador (dados coletados a campo. Relatos orais.)

Na data de 28 de novembro, do ano de 2014, mais uma “fazenda” foi retomada. Naquele episódio foi a Faz. Maria do Carmo, com uma retomada um pouco tensa, pois os indígenas foram recebidos à bala quando chegaram no local, conforme afirma um dos líderes: “Não foi fácil. De madrugada fomos recebidos a bala. O fazendeiro atirou contra nós, mas não acertaram ninguém. Passaram três caminhonetes com pistoleiros”.

Segunda feira 27 de julho de 2015, três “fazendas” foram retomadas. Sendo elas: Ouro Preto, Cristalina, Mangava, juntas elas somam uma área de 6 mil hectares.

As retomadas do poké’exa ũti avançaram mais ainda quando foi publicada a portaria declaratória. O Ministério da Justiça declarou no dia 2 de maio de 2016 área de posse permanente de 33.900 hectares no município de Aquidauana, especificamente TI Taunay/Ipegue. Sexta-feira 13 de maio mais sete “fazendas” foram retomadas por indígenas, correspondentes às: Touro, Água Branca, Ipanema, Pedrão, Santa Fé, Funil e Capão de Araras.

Por fim, a última a ser retomada parte da “fazenda” Anhumãs, que foi reocupada no dia 11 de agosto de 2018.

Como a TI Taunay/Ipegue é composta por sete aldeias, o poké’exa ũti demarcado em 1905, ficou no centro do território tradicional, houve uma divisão das

17 retomadas, como se fosse uma expansão das 7 aldeias. As primeiras retomadas que foram feitas no ano de 2013, foram ocupadas e até os dias atuais são ocupados por famílias da aldeia de Pânana e Ipeakaxóti, enquanto nas retomadas que foram feitas entre os anos de 2014 a 2015 ficaram as famílias das aldeias de Kali Lâvona, Hopunó'evoti Uné e Mâko.

Já as retomadas feitas no ano de 2016 a 2018 houve uma distribuição entre as famílias das sete aldeias. Ocorreu uma distribuição em relação às famílias que iriam ocupar as retomadas, porém não queria dizer que somente aquelas famílias que fazem o usufruto dela, mas de todas que são pertencentes da TI Toné/Ipeakaxoti, pois o povo Terena tem a tradição e o costume de compartilhar o bem ao povo, para que todos possam fazer o uso dele. Além disso, as retomadas não foram feitas por indígenas de uma única aldeia, mas teve a união de lideranças das sete aldeias.

Capítulo 2

Kixokú Vitukeovó – Elementos Culturais do Povo Terena

Nessa parte da dissertação me senti na obrigação de trazer um pouco sobre o Kixokú Vitukeovó⁹. Como já apresentei anteriormente, sou apenas um mensageiro do meu Povo, aprendiz dos mais velhos, então falar um pouco do nosso saber tradicional é uma grande honra para mim, pois estou levando a mensagem dos nossos anciãos através da escrita. Como eles sempre me disseram: *“vocês tiveram a oportunidade de aprender a ler e escrever, enquanto que muitos de nós não tivemos a oportunidade. Então reescrevam a nossa história, falem por nós, leve a nossa mensagem ao mundo de que nós Povo Terena vaneyekó¹⁰, temos o conhecimento próprio do nosso povo que precisa ser respeitado”*.

Primeiramente, irei trazer a história de um artesão Terena da aldeia Bananal, conhecido como Vilú, ele fala um pouco sobre o seu conhecimento, além de trazer outros assuntos e as histórias de como era no passado.

⁹Significa, “Nossa Tradição”.

¹⁰ Significa, “Estamos vivos”.

2.1 Vilú-Simplicio Marcos - Artesão Terena

Fotografia 4 – Conversa com o Ancião Vilú¹¹



Foto: Arquivo do Pesquisador, 2022.

Transcrição do diálogo *ipsis litteris*:

Eu – *Eu vou fazer as perguntas para o Sr. vamos conversar ok? Iremos começar sobre você, falar o teu nome, teu nome no português, no vemoú¹², o porquê de você receber esse nome, se você quiser também falar o nome da sua mãe, nome do seu pai, sua avó, teu avô, pode também.*

Vilú – *Entendi, isso que vou falar primeiro né?*

Eu – *Isso, após você fala da sua família, aí, mas pra frente à gente fala sobre o artesanato, além de outras coisas. Combinado?*

¹¹A foto acima foi registrada durante uma gravação em que estávamos fazendo para a elaboração de mini documentários que fizeram parte do projeto sobre o fortalecimento da nossa língua materna. Projeto este no qual registramos a memória e o saber tradicional dos nossos anciões.

¹² Significa “nossa língua”.

Vilú – *Então meu nome na língua terena é Vilú, esse é o meu nome, minha mãe nome dela é Bonifácia, ela já é falecida, morreu já faz um tempinho, nome do meu finado avô é Pakâku, um grande Koixomonetí¹³ ele morava por aqui por perto, benzedor, eu sei cantar um pouco do canto dele, se vocês aceitarem posso cantar, o pakaku é o meu avô, meu nome na língua terena é Vilú no português é Simplicio Marcos, meu pai é o João Justino esse é o nome do meu avô, pai do Felipe meu irmão.*

Eu – *Se quiser cantar um pouco do canto dele, já que você disse que canta.*

Vilú – *Posso cantar?*

Eu – *Sim pode! Como você disse que é canto do seu finado avô, você pode cantar sim.*

Vilú – *Vou cantar agora o canto do meu finado Avô que grande koixomonetí, que tinha muito conhecimento, ele veio da guerra o meu finado avô, ele carregava uma grande flecha, falando nisso eu também sei fazer a flecha. Agora vou cantar pra você o canto do meu finado avô.*

Vilú – *O meu finado avô foi um grande koixomonetí, me desculpem, acabei ficando triste por lembrar do meu finado avô, por isso fiquei triste.*

Eu – *É isso faz parte, pois hoje você trouxe um pouco do que teu finado avô te ensinou no passado, o Senhor. não deixo de lado a nossa tradicionalidade, e é por isso que estamos aqui hoje para que não possamos esquecer os nossos antepassados, você trazendo o canto dele você disse que ficou triste a gente também fica triste, pois com o passar do tempo algumas pessoas do nosso povo está meio que deixando de lado a nossa tradicionalidade, é por isso que estamos aqui hoje para que possamos fortalecer a nossa tradicionalidade (nosso jeito de ser): nosso canto, nossa dança, nosso jeito de ser, nossa comida típica.*

Vilú – *Se quiser que eu fale sobre as nossas comidas típicas, eu tenho conhecimento sobre.*

Eu – *Senhor pode iniciar falando sobre o artesanato, sobre a flecha, colar, abanico, fale um pouco sobre, como se faz, como você aprendeu a fazer, o Senhor pode falar...*

¹³ Líder Espiritual do nosso povo.

Vilú – *O meu finado avô foi quem me ensinou sobre o artesanato, foi ele quem me ensinou, fazer abanico, assim que se faz disse meu avô pra mim, ele me sentou do lado dele e disse busca a folha do carandá, folha verde do carandá que você tem que colher, sem ainda estar maduro a folha do carandá, meio amarelado é esse que você deve colher, não colha as folhas maduras, aí eu disse está bem, fui buscar, vou te ensinar depois que ela secar, deixa ela secar que após irei te ensinar, depois de seco meu finado avô começou a escolher aí ele me disse vem que vou te ensinar assim que se faz o abanico, e também a flecha foi ele que me ensinou depois que ele voltou da guerra, entre os paraguaios, de lá que ele tava voltando, depois de ele ter derrubado vários paraguaios, ele veio pra cá, ele sabia exatamente como atirar com a flecha para atingir uma pessoa, eu faço a flecha, e para fazer ela faço com tucum esse é o nome, faço com o tucum, a gente estica ela e solta ela vai certa em uma pessoa, é com ela que se faz a flecha outra coisa o pá que é utilizado pra fazer farinha temos que pegar a madeira aí após a gente trança aí pronto um dos materiais pra fazer farinha, e também os materiais que nossos mais velhos utilizavam no passado não utilizam o cocho de ferro, utilizavam cocho feito de terra, feito através da cerâmica aos poucos eles iam montando até chegar a esse tamanho aí queimava um pouco é com ela que se faziam a farinha, a farinha ficava muito boa. É com ela que fazia a farinha, eu fazia muita farinha no passado.*

Eu – *Entendi! E o colar você também fazia?*

Vilú – *Colar eu faço! Igual essa, são vários jeitos para fazer o colar tem o que tem enfeites tem outros que não tem, é vários jeitos pra fazer o colar. O colar dos nossos antepassados tinha algo nela, não era somente um colar, nós/eles usavam não somente por usar, tem algo naquele colar colocado pelos seus avôs, o avô assoprava o colar para que o neto pudesse estar protegido nas lutas, era por isso que o avô assoprava o colar, hoje e dia usamos só por usar, os avôs também fazia pulseira para o neto(a), nela também tinha algo pra proteção, aí quando usava ficava ágil, é isso que significa usar.*

Eu – *Então quer dizer que tem algo no meu colar?*

Vilú – *Não, aí não tem nada! Então é assim que são as coisas, os indígenas carregavam proteção em seus colares, nos dias de hoje já está mudado, quase não*

fazemos mais, é que já são poucas as pessoas que têm esse conhecimento, nossos mais velhos já se foram eles é quem tinham conhecimento sobre.

Eu – *E em relação ao koixomonetí, será que ainda tem por aqui na nossa aldeia?*

Vilú – *Os koixomonetí utilizava itâka(maracá), o canto que eu cantei hoje é uma das coisas que definia quem é koixomonetí, não existe mais por aqui, não existe mais nenhum, eles é quem fazia várias coisas as pessoas, não existe mais o koixomonetí por aqui, não existe mais.*

Eu – *Por que será que não existe mais tio?*

Vilú - *É porque eles já se foram morreram!*

Eu – *Mas será que eles não deixaram o conhecimento que eles tinham para os teus filhos, netos ou algo do tipo?*

Vilú – *Não! eles não repassam e também não ensina. Eles morrem e levam contigo o conhecimento. Pra você ver o koixomonetí que eu citei que morava por aqui, ele disse o seguinte aos seus netos vai vir umas pessoas não indígena,vai aparecer por esse lado,vai passar na nossa aldeia as nove horas, então escondam as suas filhas, escondam elas por que as nove horas os puxará¹⁴ vão passar por aqui, puxará é o nome que era utilizado para se referir a um não indígena, os puxará vão vir, aí deu nove horas, derrepente eles apareceram por esse lado, eles viam de cavalo, passaram por lá, não mexeram com nós passaram direto.*

Eu – *De onde esses puxará vieram?*

Vilú – *Esses não indígena eram pessoas que procuravam pessoas que tinham bens materiais para pode tomar delas, eles viam desse lado e se juntavam no distrito, por lá que eles paravam pra tocar a traia do cavalo deles, quem tinha pelego pra vender, eles compravam tudo, como eles deixavam de lado os pelegos que eles utilizavam, nós pegávamos para poder reutilizar e nós levava para casa, eles não mexiam com nós, eles procuravam pessoas que tinham bens materiais.*

Eu –*Esses purutuye vinham de cavalo?*

¹⁴ Significa “não indígena”. Termo muito utilizado pelos mais velhos.

Vilú – *Eles viam de cavalo apareciam desse lado, é por isso que eles trocavam o pelego do cavalo no distrito.*

Eu – *E o koixomonetí morava por aqui? E ele disse se escondam, foi isso que ele disse?*

Vilú – *Como ele era um koixomonetí não mexeram com ele.*

Eu – *Os koixomonetí no passado era respeitado?*

Vilú – *Sim. Era respeitado.*

Eu – *Tinham medo dele?*

Vilú – *Sim. Tinham medo dele! Tinha o koixomonetí chamado Êperu, tinha o Pakâku, tinha também o Kolo'ó, tinha uns três koixomonetí por aqui, eles eram os verdadeiros koixomonetí. Eles não sabiam nem praticavam reza, eles aprendiam a mexer o torôro(Itâka), quando via alguém pra consultar ele assoprava, a doença ia embora.*

Eu – *Ah é!? Como era no passado, né! Antigamente a gente não precisava do médico dos purutuye.*

Vilú – *Não! A gente não precisava!*

Eu – *Eles também faziam remédio?*

Vilú – *Sim! Eles faziam vários remédios, raizada de arvorés!*

Eu – *Você conhece esses remédios? Ou tem algum entre eles que você conhece?*

Vilú – *Tem um pouco! Mas não tem por aqui a árvore, a gente precisa ir até o mato quando procuramos o remédio, precisamos ir no mato pra encontrar o remédio.*

Eu – *Quais remédios que o Senhor Conhece?*

Vilú – *Tem o remédio para dor na coluna, para tosse, mas temos que ir até o mato para buscar.*

Eu – *Entendi! São vários tipos de remédio.*

Vilú – *Sim, são vario tipos.*

Eu – *E no passado como era, onde o Sr. Trabalhava? Saía pra fora para trabalhar? Ou ficava por aqui mesmo, como o Senhor sobrevivia se sustentava?*

Vilú – *No passado eu saía porque eu tinha que sair por conta dos meus filhos, esses meus filhos quando comecei a criar eles.*

Eu – *O Senhor tem quantos filhos no total?*

Vilú – *Tenho vários, uns dez!*

Eu – *Aí o Senhor saiu pra fora para trabalhar!?*

Vilú – *Não! Eu vivia da seguinte forma antigamente, eu caçava procurava tatu, eu tinha um cachorro bom pra caçar tatu, eu caçava, a noite eu voltava trazia vários tatu, quatro, cinco tatu, quando chegava minha esposa cozinhava, aí os meus filhos se alimentavam, assim eu fazia pra viver, lá pra frente eu ia embora novamente quando acaba nosso alimento, aí o que fazia também era corte de cana na usina por aí, lá que eu ia.*

Eu – *Onde você ia no passado!?*

Vilú – *Sim, fiquei muito tempo cortando cana, fui na cachoeira que eles falam, quebra coco fui até lá, lugares onde fui.*

Eu – *No passado o abanico, flecha, colar que o Senhor fazia, o Senhor vendia ou que fazia com ela? Onde levava ficava por aqui mesmo ou o Senhor levava pra fora na cidade? Ou vendia por aqui mesmo?*

Vilú – *O abanico vendia na cidade já teve vezes que eu vendia 50, 40 abanicos.*

Eu – *Entendi!*

Vilú – *A flecha também vendia pra fora da aldeia, já chegou também de vir gente procurando, vir aqui pra comprar e levar.*

Eu – *E o penacho de ema o Senhor também faz?*

Vilú – *Como?*

Eu – *Penacho de ema o Senhor também faz?*

Vilú – *Sim, faço! Quando tem a dança da ema aí que eu faço, as vezes os purutuye¹⁵ também compram, compra pra pode levar com ele.*

Eu – *Entendi!*

Vilú – *O penacho de ema faço, eu tranço ela, assim que se faz, desse tamanho aqui ó, aí já está ótimo.*

Eu – *Entendi!*

Vilú – *Vendo tudo, o abanico é muito procurado, tem os não indígena que querem desse tamanho.*

Eu – *O Senhor ensinou esse conhecimento pra algum dos seus filhos? Ou nenhum deles sabe fazer?*

Vilú – *Como?*

Eu – *Tô perguntando se o Senhor ensinou pra algum dos seus filhos! Que aprendeu a fazer.*

Vilú – *Não, nenhum deles sabe fazer, mas a dança eles sabem, dançam a dança da ema*

Eu – *Falo em relação ao abanico, flecha o Senhor não ensinou nenhum dos seus filhos?*

Vilú – *Somente a esposa de Valdemar que mora lá, ela é quem sabe fazer o abanico que faço!*

Eu – *Abanico? Será que ela ainda faz?*

Vilú – *Sim, faz!*

Eu- *Ela sempre faz?*

Vilú – *Sim sempre faz, quando tem alguém que tira a folha do carandá pra ela, quando ninguém tira pra ela não tem como ela fazer, tem desse tamanho, são vários tamanhos, não sei se ela tem agora hoje, não sei se tem pronto.*

Eu – *Quem que tira a folha do carandá que o Senhor disse?*

Vilú – *Esposo dela.*

¹⁵ Significa “não indígena”. Termo muito utilizado atualmente pelas novas gerações.

Eu – *E como que se tira tio?*

Vilú – *Tira com taquara.*

Eu – *Hum... com taquara!*

Vilú – *Puxa, puxa, é assim que fazemos, então a gente puxa ela.*

Eu – *Entendi! E o Senhor sempre foi de fazer roça?*

Vilú – *Como?*

Eu – *O Senhor sempre foi de fazer roça?*

Vilú – *Eu?*

Eu – *Sim!*

Vilú – *Fiz muita roça aí onde fica agora a roça do Juvenal, plantei milho, mandioca, banana, abobora, é lá que ficava minha roça, lá que eu ia.*

Eu – *É com isso que o Senhor também sustentava os teus filhos, família?*

Vilú – *Isso, exatamente.*

Eu – *Entendi...*

Vilú – *Aí dia de sábado saía atrás de animal, veado, tatu, aí trazia o tatu eu matava ela com arma.*

Eu – *O Senhor o derrubava com arma?*

Vilú – *Sim.*

Eu – *O Senhor ainda tem arma ou não tem mais?*

Vilú – *Antigamente tinha, hoje não tenho mais...*

Eu – *Entendi, será que o Senhor não tem nenhum abanico ou colar que o Senhor fez pra pode nos mostrar? Aqui na sua casa.*

Vilú – *Não tem.*

Eu – *Não!? Então depois a gente vai à casa da sua filha pra que possamos ver o trabalho que ela faz.*

Vilú – *Só esse colar aqui ó, que eu fiz*

Eu – *Esse foi o Senhor que fez certo?*

Vilu – *Como?*

Eu – *Tô perguntando se foi o Senhor que fez!*

Vilu – *Sim, foi eu que fiz.*

Eu – *Tem algo no teu colar?*

Vilu – *Não, tem nada não! Está aí o pé dessa árvore, tem a semente dela, é com ela que se faz, ela tem a semente dela aí...*

Eu – *Lá?*

Vilú – *Sim! eu que plantei, é difícil quando for furar ela.*

Eu – *Fura com que?*

Vilú – *Como?*

Eu – *Com o que que o Senhor fura?*

Vilú – *Com a ponta afiada do, ele é desse tamanho, a gente chama de suelá¹⁶.*

Eu – *O Senhor não esquenta a ponta?*

Vilú – *Como?*

Eu – *Perguntei se o Senhor não esquenta a ponta, porque tem pessoas que esquenta.*

Vilú – *Não esquento não, assim que se faz, aí vai furando, tem pessoas que utilizam máquina, que é próprio pra furar.*

Eu – *Tem também, né?*

Vilu – *Sim.*

¹⁶ Peça de arame com a ponta fina.

Eu – *E o anel o Senhor não faz?*

Vilú – *Como?*

Eu – *O anel o Senhor também faz?*

Vilú – *Sim! Eu também faço.*

Eu – *O Senhor faz com quê?*

Vilú – *Pego a faca, mais o lima só ir cortando passando a lima, eu faço, mas faz um tempo que não vejo anel por aqui, mas eu faço.*

Eu – *No passado muitos faziam por aqui, né?*

Vilú – *Sim! Muitos faziam.*

Eu – *Por que sera que com o passar do tempo as pessoas(nós) deixaram meio que de lado de fazer o abanico, anel... por que será que deixaram de lado?*

Vilú – *Uns não sabem, outros não aprenderam com quem sabe, somente as que sabem que faz.*

Eu – *Entendi! é assim é a sua história?*

Vilú – *Sim, assim é a história.*

Eu – *E o Pakâku que o Senhor disse, seu avô certo?*

Vilú – *Meu avô, pai do meu pai...*

Eu – *Pai do seu pai...*

Vilú – *Sim*

Eu – *Seu avô, entendi!*

Vilú – *João Justino é o nome do meu pai*

Eu – *E a tua esposa como é o nome dela?*

Vilú – *Bonifacia*

Eu – *Sua esposa?*

Vilú – *Sim*

Eu – *Entendi*

Vilú – *Bonifacia é o nome dela*

Eu – *Ainda tenho mais algumas perguntas aqui, para que o Sr possa nos contar como era antes e como está agora, queremos saber o seguinte, que antes o Sr disse que plantava fazia roça, antigamente tinha o período certo para o plantio de cada planta da roça ou como era antes? Por exemplo, a mandioca tem o tempo certo para o plantio, feijão deve também ter, eu pensando aqui neh, milho, como é isso?*

Vilú – *Os nossos antepassados olhava, sentia a direção do vento, o vento que vem do sul não traz chuva, a chuva vem desse lado é o período em que se planta, então é isso que levamos em consideração através do vento.*

Eu – *Vento!*

Vilú – *Outra coisa através da fruta das arvores nativas, tarumã com muita fruta é uma outra coisa que eles(nós) seguiam, período do tarumã, é um período bom para o plantio, o jatobá com muito fruto é uma outra coisa que eles(nós) seguiam, nesse período aí que eles plantavam.*

Eu – *Entendi! E a lua, eles acompanhavam através da lua?*

Vilú – *Sim! Acompanhavam. A lua quando ta no período fase de lua cheia, na lua nova não se pode plantar.*

Eu – *Não pode?*

Vilú – *Não pode! Na lua cheia que a gente planta, período bom para se plantar, a mandioca dá muita rama.*

Eu – *Entendi.*

Vilú – *Milho dá bem*

Eu – *Outra coisa que eu fiquei analisando, acho que posso dizer assim, quase sempre no mês de janeiro, fevereiro, havia muita chuva aqui, isso no passado.*

Vilú – *Isso no passado!*

Eu – *Já mudou as coisas agora né? Por que será que as coisas mudaram? no teu pensamento. Por que será que as coisas mudaram?*

Vilú – *Não sabemos, somente o nosso criador que sabe! Mas sim mudou, não é mas como era antes, dos anos que passaram, as coisas mudaram.*

Eu – *Os córregos no passado tinha muita água? É verdade que tinha muita água nela no passado?*

Vilú – *Sim, havia muita água, pra lá tinha muita água, nos dias de hoje não tem mais água, o açude aí ta secando, antes muita água e também peixe, muito peixe.*

Eu – *Por que será que as coisas mudaram?*

Vilú – *Não sabemos!*

Eu – *Mas mudou muito? Na sua visão.*

Vilú – *Muito.*

Eu – *No passado se sabia tempo de chuva, certo?*

Vilú – *sim! Tinha período certo da chuva.*

Eu – *Tem uma história aí que eu ouvi, que a gente tava falando da lua.*

Vilú – *Sim!*

Eu – *-Eu ouvi uma história, que os nossos mais velhos tinham muitos conhecimentos.*

Vilú – *Sim vários.*

Eu – *Então a própria forma de como sabiam o horário do dia, não utilizavam relógio, acho que podemos afirmar isso, eles acompanhavam o sol para saber o horário do dia, procede? Pra saber horas, tempo.*

Vilú – *Pra saber do horário...*

Eu – *Eles sabiam através do sol, não é verdade?*

Vilú – *Eles olhavam as estrelas, pra saber das horas, quando a estrela chegava por aqui, olhavam para a estrela e já sabiam que horas era, enquanto nós agora se pedirem pra você olhar que horas são, você não irá saber.*

Eu – *Não saberemos né!?*

Vilú – *É a estrela que eles olhavam, acompanhava.*

Eu – *Entendi.*

Vilú – *Aí eles falavam, tal horas são agora, é verdade! É esse que eles acompanhavam, as estrelas.*

Eu – *E a ema que eles falam no céu? O Senhor conhece a história?*

Vilú – *A história da ema, ele foi se embora para o céu, a ema foi embora para o céu, por que se ele estivesse aqui na terra a ema, ele iria acabar com todas as pessoas, hoje a ema está lá em cima amarrado esperando o fim do mundo para que ela possa descer, nisso vai descer pra se alimentar das pessoas.*

Eu – *Uma ema gigante?*

Vilú – *Sim, mas agora ele está bem amarrado, a ema, ainda não foi desamarrado, mas quando se aproximar o fim do mundo ela vai descer para se alimentar das pessoas.*

Fotografia5–Koéxoneti (Conhecedor)



Foto: Arquivo do Pesquisador, 2022.

Eu – *O Senhor consegue ver a ema no céu ou não? Por que tem pessoas que conseguem enxergar ela no céu, o Senhor consegue enxergar? Já viu alguma vez no céu? A ema, pois tem pessoas que sabe encontrar no céu.*

Vilú – *A lua?*

Eu – *Não! A ema, que são as estrelas(constelação), o Senhor consegue ver ou não?*

Vilú – *Enxergar não.*

Eu – *Mas tem pessoas que sabe né?*

Vilú – *Tem!*

Eu - *No passado, que consegue enxergar.*

Vilú – *A ema?*

Eu – *Sim.*

Vilú – *Tem sim, tem pessoas que sabe, esse também que marca o tempo, a ema, só de olhar a pessoa já sabe que horas são, a ema está aqui eles falam, eles falam está na hora, a ema se move a noite.*

Eu – *Se move?*

Vilú – *É esse que eles olham*

Eu – *Entendi.*

Vilú – *A gente ainda não falou sobre como era o alimento das pessoas no passado.*

Eu – *Nós também vamos falar sobre certo?*

Vilú – *Temos que contar, para que eles possam ouvir.*

Eu – *Mas antes, tem mais uma coisa, no passado como que era a nossa aldeia, as casas era do jeito que é agora ou era diferente? no passado.*

Vilú – *Era diferente tinha trieiro.*

Eu – *A estrada não era desse jeito?*

Vilú – *Não, naquela época não tinha carro, a nossa aldeia tem nome de bananal por conta de acharem um pé de banana bem ali, por isso que tem o nome de bananal, acabou tendo nome de bananal, é por isso que tem esse nome.*

Eu – *Como era as casas no passado?*

Vilú – *Era uma pequena casa, não era desse jeito, agora estou morando na casa dos purutuye, a parede era feito de terra em todo o redor dela, sapé e também com palha as casas.*

Eu – *Então no passado era só mato aqui?*

Vilú – *Como?*

Eu – *Tô perguntando se tinha muito mato por aqui.*

Vilú – *Sim, tinha muito mato, e a nossa luz era de lamparina, pois antigamente era escuro aqui, não tinha energia elétrica, não tinha lâmpada.*

Eu – *E os nossos mais velhos eles falavam somente a língua terena ou tinha falantes do português no meio deles?*

Vilú – *Todos falavam a nossa língua terena.*

Eu – *Antes ninguém falava o português?*

Vilú – *Ninguém falava, por isso que os fazendeiro aproveitava de nós, dos nossos mais velhos, pois eles não sabiam falar o português, por isso que tivemos que ter um capitão, somente o capitão que sabia falar o português ele falava por nós, por isso o nome capitão, ele sabia falar o português, sabe conversar com o purutuye, o restante não poderia ser capitão por conta de não saber falar o português, nos dias de hoje todos nos entendemos e sabemos falar o português, não precisamos mais do capitão, antes os nossos mais velhos precisava pois eles ainda não sabiam falar o português, por isso precisava de um indígena que sabia falar o português.*

Eu – *Era a pessoa que falava por nós pra fora, acho que podemos dizer assim.*

Vilú – *Sim.*

Eu – *O que falava com os não indígena!*

Vilú – *No caso você já sabe o português, não precisa de gente pra falar por você, você sabe falar você já pode ser o nosso capitão, estou falando sério, você já pode ser.*

Eu – *Entendi!*

Vilú – *Enquanto que no passado as pessoas não podiam ser por não saber o português, por que que teve que ter encarregado, tinha encarregado aqui por conta, por ele saber falar o português dialogar com o não indígena quando ele for chegar, por isso que o encarregado foi colocado ao teu posto, não pode ser se ele não saber o português, não saber a língua deles, sabe!?*

Eu – *Entendi! Então agora vamos falar de comida como o Sr disse anteriormente, nossa comida no passado, como era no passado oque eles/nós comia?*

Vilú – *O que nós comia no passado era bolinho de polvilho, hîhi, pôreo, essas eram as nossas comidas, nos dias atuais são poucas as pessoas que come o bolinho de polvilho e o hîhi, se eu falasse vamos comer o pôreo, você iria querer olhar antes de comer, sabe! É isso que os nossos mais velhos comiam, e também os animais, também não comiam carne bovina, comiam carne de caça, queixada, veado, tatu...*

Eu – *Anta.*

Vilú – *Anta, esses são as coisas que a gente comia no passado, eles não comiam carne bovina.*

Eu – *Será que é por isso que os nossos mais velhos são mais forte que nós?*

Vilú – *É por isso que eles não têm...*

Eu – *Doença?*

Vilú – *Sim, não tinham doença, por conta de comer vários tipos de comida, nos dias atuais comemos, a gente fala quero carne bovina de primeira, assim falamos, carne bovina tem doença por conta da vacina, a gente acaba ficando doente, a gente fala quero carne de primeira carne boa.*

Eu – *A própria comida nossa que acaba nos deixando doente.*

Vilú – *Siim! E esse acaba nos deixando doente a vacina da carne bovina, ficamos doente por conta disso.*

Eu – *Como as coisas mudaram muito por aqui né?*

Vilú – *Sim!*

Eu – *Porque os tempos são outro agora, você nasce em um tempo e eu nasci num outro, acho que posso dizer, eu na sua frente sou uma criança, conforme o Senhor foi contando a história fiquei tentando imaginar como era no passado, eu fico pensando como era no passado!?! O Senhor disse que todos eram falante da nossa língua, nos dias atuais pelo que percebi são poucas as pessoas que falam a nossa língua, aí faço a pergunta será que é possível fazer com que a nossa língua seja falada novamente pela maioria? Oque será que podemos fazer?*

Vilú- *Sim, é possível, pois não devemos largar, a nossa língua não devemos deixar de lado a nossa língua, temos indígenas nos dias atuais que não querem mais ser indígena só falam no português, ele é indígena, se você não falar a sua língua materna isso não quer dizer que você é indígena, você precisa ser falante, você vim querer falar que não é mais indígena por conta de ser falante do português, isso é uma grande mentira, pois você é indígena, não podemos deixar de falar a nossa língua.*

Eu –*Antes de nós concluir essa história, se o Senhor puder deixar uma pequena mensagem, a todos que irão ter acesso ao que estamos fazendo, deixa uma pequena mensagem para que também possamos encerrar, principalmente com os mais novos, por exemplo pessoas com a idade que tenho, podemos dizer pessoas mais novas, cada um de nós um dia vai se ir dessa vida, hoje estou muito feliz de vir para fazer registros da sua história, quando o Senhor diz da sua família, de onde o Senhor veio, as coisas que o Senhor sabe fazer, dizemos muito obrigado ao Senhor, por nos receber aqui, se puder deixar uma mensagem a todos as pessoas que moram aqui na aldeia bananal e também outras, não será somente por aqui que iremos compartilhar, outros povos indígenas, não indígena irão ter acesso, esse trabalho nosso vai longe.*

Vilú – *Irão ver?*

Eu –*Sim, muitas pessoas irão ver, vamos levar em vários lugares.*

Vilú – *Terá pessoas que irão refletir através!*

Eu – *Terá né!*

Vilú – *Muito obrigado, por levar a mensagem que trago, tudo que disse a você é tudo verdade, alguém irá refletir com isso, muito obrigado, fiquei refletindo, você estuda?*

Eu – *Sim. E eu estudo em Dourados.*

Vilú – *Olha o que o Lula fez, ouvi o seguinte do Lula: tem muitos indígenas formados que não tem emprego, temos que fazer emprego pra eles assim disse o Lula, tem muitos indígenas formados que não tem emprego, isso é verdade! Eles colocam pessoas não indígenas, eles não querem que a gente vá pra frente enquanto indígena, é isso que os não indígenas fazem, não quer que a gente vá pra frente por isso que eles não colocam nós nesses cargos, caso você se forme você será doutor, ou qualquer outro cargo e assim se vai pra frente, é por isso que os não indígena não gostam de nós não quer que a gente vá pra frente nós indígenas, era pra a gente está ocupando esses espaços a muito tempo.*

Eu – *Então por hoje é só, dizemos muito obrigado ao Sr, a gente irá voltar para contar mais histórias.*

Vilú – *Sim, sem problemas.*

Eu – *Enfim é isso, se tiver mais algo pra falar, se quiser cantar novamente, para que a gente possa finalizar, aí é com o Senhor.*

Vilú – *O que a gente espera é de as coisas que vocês estão fazendo irá pra frente.*

Eu – *É isso que a gente quer, fortalecer o nosso jeito de ser, como o Sr disse, sim a gente saiu para fora pra pode estudar.*

Vilú – *Não podemos deixar de ser indígena.*

Eu – *Isso, como o Sr disse anteriormente, a gente saiu pra fora estudamos, a gente sabe o português, aí a gente analisando que vem acontecendo, aldeia a cidade, a gente muda o nosso ver acho que podemos dizer assim, mudou o ver de muitas pessoas em relação ao nosso jeito de ser, tem pessoas que querem deixar isso de lado: “ não falo mais a nossa língua”.*

Vilú – *Não, aí está errado.*

Eu – *Várias coisas, cada um de nós pensamos diferente do outro, aí a gente conversando um com outro, como fazemos para que possamos, como disse anteriormente são poucas as pessoas que falam a nossa língua, a gente estando aqui hoje tudo que a gente fez foi através da nossa língua.*

Vilú – *Tudo.*

Eu – *A gente levando isso nas nossas escolas, a gente apresentando em outras aldeias lagoinha, ipegue, levando o que a gente fez as crianças vendo, eles irão interessar em aprender reaprender a nossa língua.*

Vilú – *Quando ver!*

Eu – *Isso! quando ver!*

Vilú – *Quando for ouvir a língua!*

Eu – *O que será que será que ele está dizendo, tá contando qual história? Acho que eles vão pensar isso, a gente estudou mesmo, mas se referindo a nossa história terena, não sabemos de tudo, aí procuramos vocês, pois vocês é quem nos ensina, nesses conhecimentos e é por isso que viemos aqui hoje. Tem mais alguma coisa pra falar?*

Vilú – *Não.*

Eu – *Então muito obrigado!*

Foi um aprendizado e tanto conversar com o Vilú, pois surgiram várias reflexões através das histórias narradas por ele, da sabedoria que ele compartilhou para com esta pesquisa. Eu fico muito honrado em poder registrar momentos como esse, principalmente em poder trazer e enriquecer ainda mais a minha dissertação. Estas são vivências de um Terena tradicional e que ainda obtém o conhecimento quase esquecido, mas que com o passar do tempo descobrimos a importância que ela tem para nós, logo, temos que nos fortalecer cada vez mais para que o kixokú vitukeovo (Nossa tradição) não adormeça. Não inseri a parte que ele canta, pois é algo sagrado para nós, cantos como este são ouvidos pessoalmente e ele surge vem a naturalidade, não é escrito e é o que definimos de conhecer por meio da oralidade.

O diálogo com o Vilú foi muito importante para que eu pudesse concluir a minha dissertação, pois, através deste encontro, ele me encorajou e trouxe de volta uma energia que sempre carregava, mas que estava meio apagada naquele período. O saber

dos nossos anciões nos fortalece cada vez que aprendemos um pouco sobre o que eles têm para compartilhar, são conhecimentos que vêm desde a época dos nossos antepassados. É o conhecimento milenar que, se repassado de geração a geração, o nosso povo irá sobreviver por muito mais tempo. Então temos essa missão de ouvir, de aprender, de praticar, a fim de podermos compartilhar com as gerações próximas, pois, desta forma, manteremos os nossos costumes existindo.

Há momentos durante a nossa caminhada pelo qual não sabemos o caminho a ser seguido. Neste instante surge uma outra função importante dos nosso mais velhos que é de nos orientar. Eles têm a sabedoria, têm a vivência, por este motivo eles são as pessoas mais preparadas para conversar nesse período da caminhada. Todo o conhecimento que venho adquirindo durante esse tempo em que estou na caminhada da rebusca dos nossos saberes tradicionais, aos poucos praticando, já que ela não uma coisa que aprendemos em um dia e pronto. Lidar é algo bem mais do que isso, envolve muito a parte espiritual, são processos no qual, a qualquer momento, e se acabarmos escorregando, pode ser que não consigamos mais nos levantar. Novamente vem a nossa base, e caso isso aconteça o nosso mestre do saber pega na nossa mão e nos mostra qual caminho devemos seguir, além de explicar que tudo que acontece na nossa caminhada serve de aprendizado e de fortalecimento para nos tornar um guerreiro forte para falar em nome do nosso Povo.

2.2 Hiyokena Kipâ'e (Dança da Ema)

Antes de discorrermos sobre a dança temos que trazer o mito Terena que fala em como se originou as duas metades, os dois clãs, a DIVISÃO DO TERENA. Acerca da história, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1976) descreve o mito “Yurikoyuvakai”. O herói tirou os Terena do fundo da terra, entregou-lhes o fogo, instrumento necessário para a sobrevivência. O autor ainda nos descreve a divisão do Terena em duas partes distintas, ou seja, uma parte é o grande guerreiro e a outra parte é pacífica. Segundo narrativas, um casal indígena tinha um filho de nome Yurikoyuvakai, que era solitário. Conta-nos a tradição que os pais de um moço o convidavam para trabalhar e ele não queria ir e houve um dia em que ele teve que partir, como forma de castigo, para a roça com seus pais, e lá a sua mãe tirou a foice e cortou Yurikoyuvakai ao meio. Assim, resultaram dois indivíduos, ou seja, um da cintura para cima e o outro,

da cintura para baixo. Dessa imagem se deu a origem das duas metades distintas dos Terena: os sukrikiano e os xumonó.

Fotografia6–Hiyôti Kipâ'e (Dança da ema)



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2017.

Em 2017, organizamos a primeira noite cultural na UFMS-Cpaq, evento que foi o caminho que encontramos para que pudéssemos ser mais respeitados dentro do espaço acadêmico, pois no ano de 2017 o número de acadêmicos indígenas que estava entrando na universidade era grande. No entanto, sofriamos muito com o preconceito, então esse ato em si foi para demarcar o nosso espaço na Universidade.

O Hiyokená Kipâ'e é uma dança tradicional masculina do nosso povo Terena. Segundo os historiadores a dança representa a luta e a participação efetiva dos guerreiros na Guerra da Tríplice Aliança.

Na minha concepção enquanto indígena, conversando com os nossos anciãos, participando do ritual/celebração, ela é muito mais que somente uma representação de luta. Primeiro usamos o penacho de ema na dança e para mim isso está ligado ao

Uxipovoe (Guia); é algo que nos protege, defino como sendo o Uxipovoe (Guia)do nosso povo Terena, ela não é somente usada como traje, mas também muito usada pelos nossos Koixomonetí (indígena que tem um conhecimento a mais, curador) no ritual de cura. Além disso, as nossas parteiras do passado usavam um pedaço específico da pena para que nada acontecesse com a mulher que estava prestes a dar luz a uma criança. Fica mais evidente que a ema é Uxipovoe (Guia) Terena pelo fato dos dois clãs do nosso povo que é o Xumonó e Sukriokono usarem o mesmo traje. Cada peça da dança tem seu significado e são utilizados os seguintes instrumentos para fazer o toque da dança: o tambor, feito com madeira e coberto com couro de veado; uma flauta, feita de bambu e os guerreiros que utilizam bambu durante seis peças e em uma delas utiliza um arco e madeira que possui um pequeno furo em que as flechas são introduzidas.

A primeira parte da dança é o kohó (Tuiuí) que representa uma caminhada lenta acompanhando o toque do tambor e na terceira batida se dá o passo, corpo dobrado para frente, como se fosse um animal à procura da presa e a batida do tambor lembra muito o pulsar do órgão principal do nosso corpo.

A segunda parte da dança é conhecida como “treinando para matar o inimigo”, ao grito do cacique reinicia-se a dança na qual as duas colunas fazem os movimentos e cada guerreiro se volta, sucessivamente, para o lado interno e externo das colunas, até que se encontrem frente a frente, no qual novamente através do grito do cacique: “oooohhhhhhh!”, acontece a batida na ponta superior do bambu, dessa forma sai um som de como estivesse sido começada a caçada, tanto em relação à guerra como pela caça por alimento.

A terceira peça é conhecida como “Hopenó’ixoti anané” (expulsando o inimigo)e se inicia mais uma vez através do comando do cacique, os guerreiros seguram as suas armas (bambu) ao meio durante o movimento das duas colunas, quando voltam para o lado externo batem a ponta inferior, e quando se voltam para o lado interno ficam de frente com o seu parceiro e provocam batidas na parte inferior e superior do bambu.

A quarta parte da dança que tem o nome “Iko’ítukexoti xêki” (utilizando o arco e flecha), os guerreiros deixam as suas armas de lado (bambu) e utilizam o xikié (arco e flecha).Ao comando do cacique inicia-se a dança, ao grito do chefe simulam que estão atirando para o alto e, ao ficar de frente para o seu companheiro, simulam que estão atirando para baixo.

A Quinta parte da dança se inicia com o grito do cacique “Kayukopeuvotinehikó ya isukokoti” (voltando da luta).Formam um círculo e com movimentos externos tocam

o solo com a ponta do bambu para fora, enquanto no movimento interno, repetem o toque no chão e, logo em seguida, batem no meio do outro bambu que está à sua frente, terminando com toques na parte inferior e superior do bambu.

A sexta parte, mais uma vez ao grito do cacique se inicia a dança, é denominada como “koepekexoti hó’openo kayukopovo” (voltando da caça, matando animais). Neste momento os guerreiros voltados para o lado exterior, levantam o bambu para trás, segurando nas duas pontas para que o guerreiro possa tocá-lo e após o toque voltam para o lado externo, e com o bambu empunhado nas mãos o outro companheiro também o toca, e assim sucessivamente.

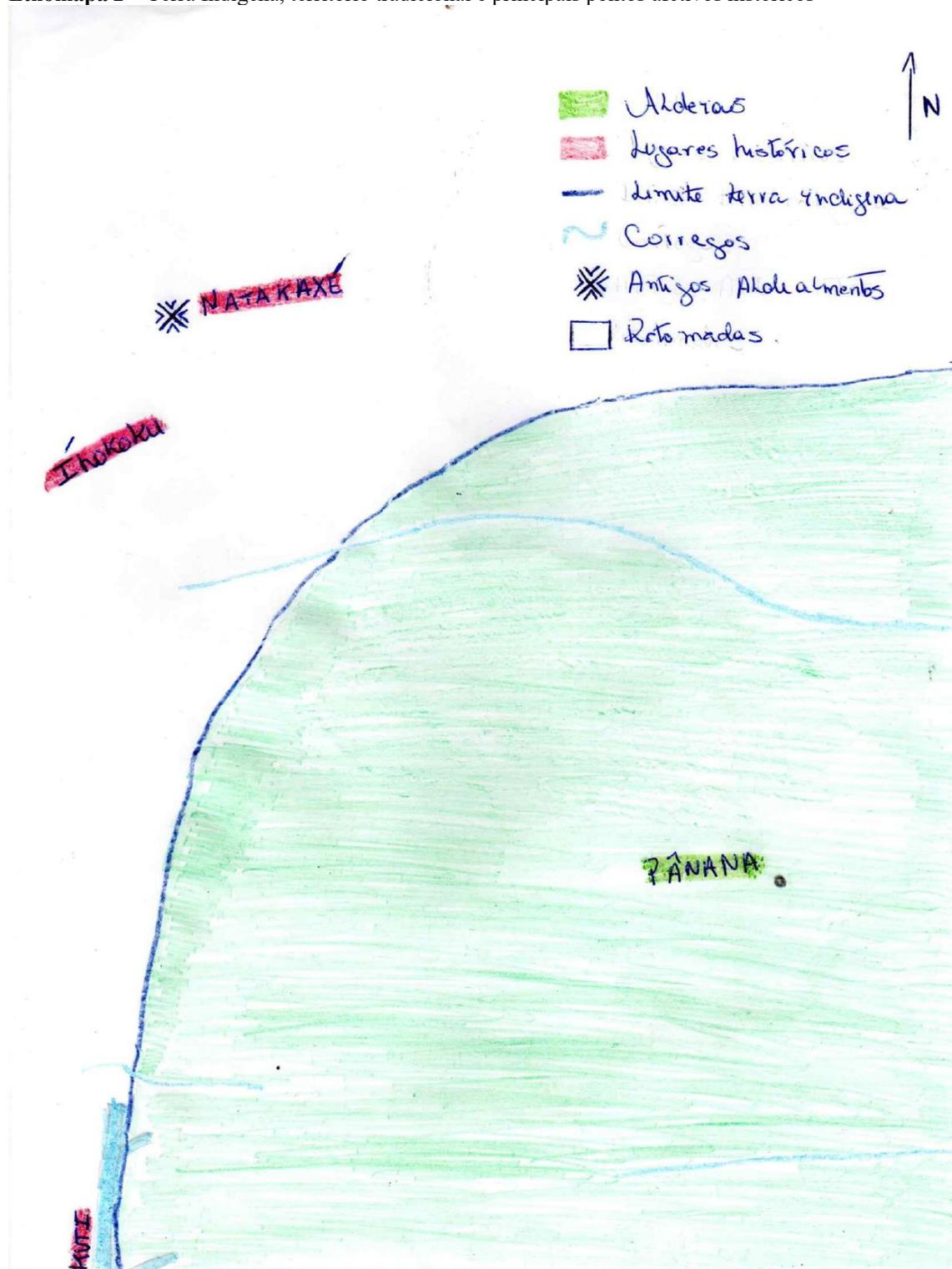
A sétima, e última parte da dança, é o momento mais significativo. Os guerreiros ficam de frente um para o outro cruzando as pontas dos bambus enquanto o cacique inicia a passagem por debaixo dos bambus. Este movimento termina quando todos os guerreiros passam por de baixo. Isso simboliza a passagem dos guerreiros por debaixo dos cipós e, ao final dessa peça, todos os guerreiros quanto os xumonós e os sukrikinó fazem tipo uma cama para poder levantar o cacique à altura da cabeça deles. Logo após ele dá o grito: “Honoyooooo!”, que significa estamos alegres pela vitória.

Essa é uma das memórias ancestrais que foi repassada de geração em geração, mesmo em meio a adversidades, carregamos conosco o kixoku vitukeovo (modo de ser) independentemente de onde estivermos nós, enquanto Povo Terena somos vistos como um povo que está sempre trafegando em meio ao mundo não indígena. Muito de nossos parentes tiveram que mudar para grandes cidades, por vários motivos, mas nunca deixamos essa nossa tradicionalidade de lado.

Capítulo 3

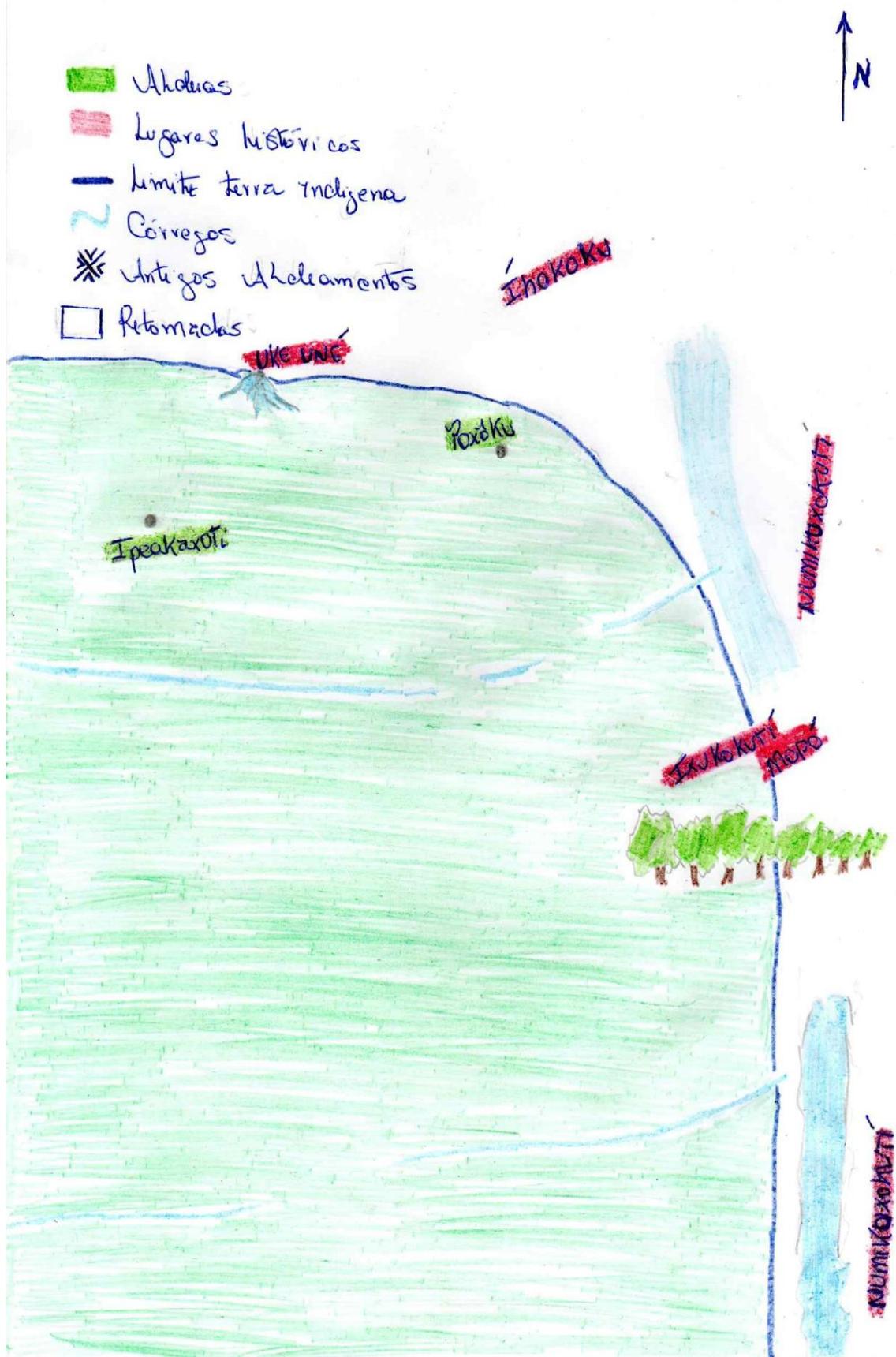
Retomada Caçula

Etnomapa 2 – Terra Indígena, território tradicional e principais pontos afetivos históricos



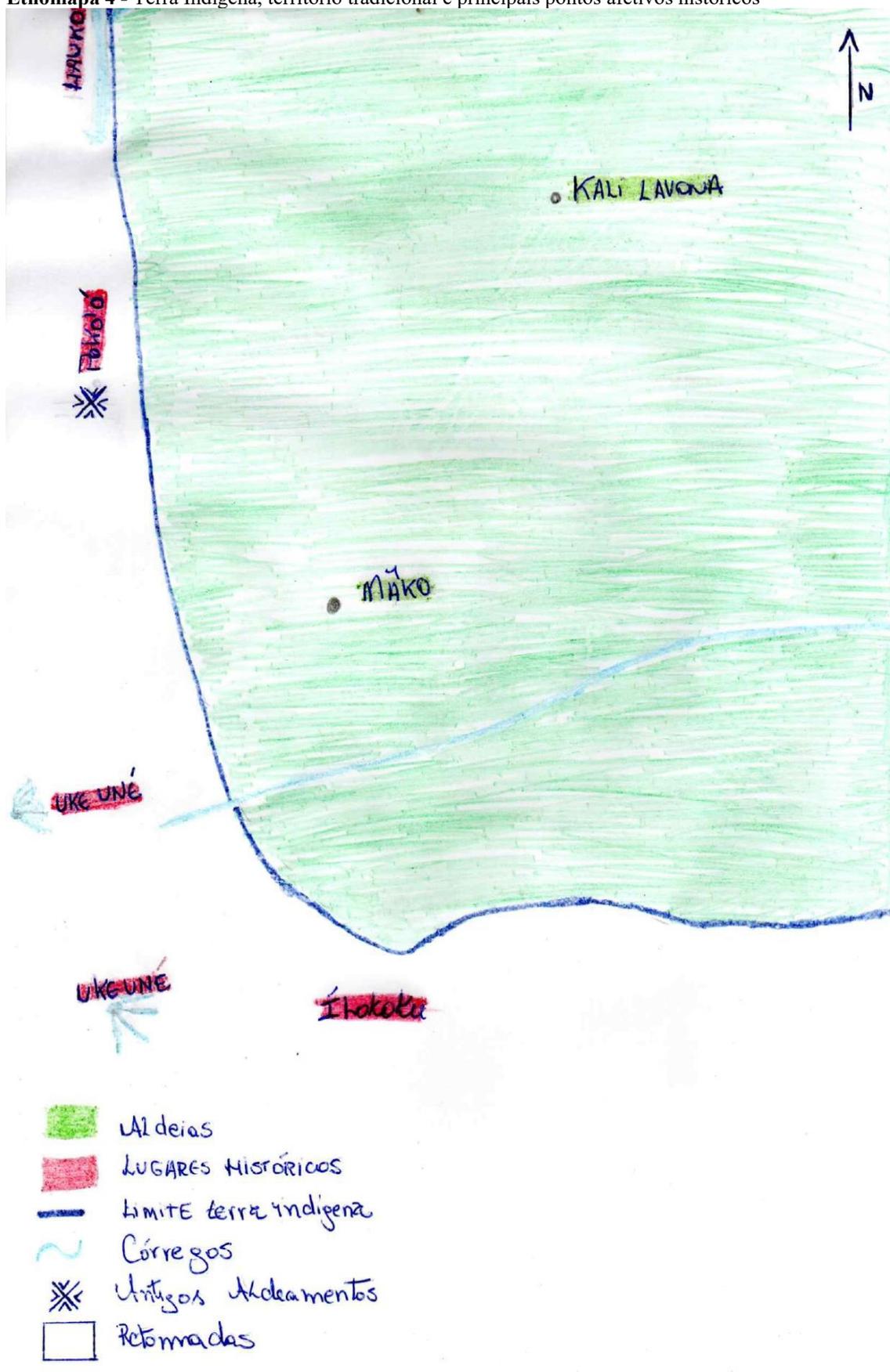
Fonte: autoria do pesquisador.

Etnomapa 3 – Terra Indígena, território tradicional e principais pontos afetivos históricos



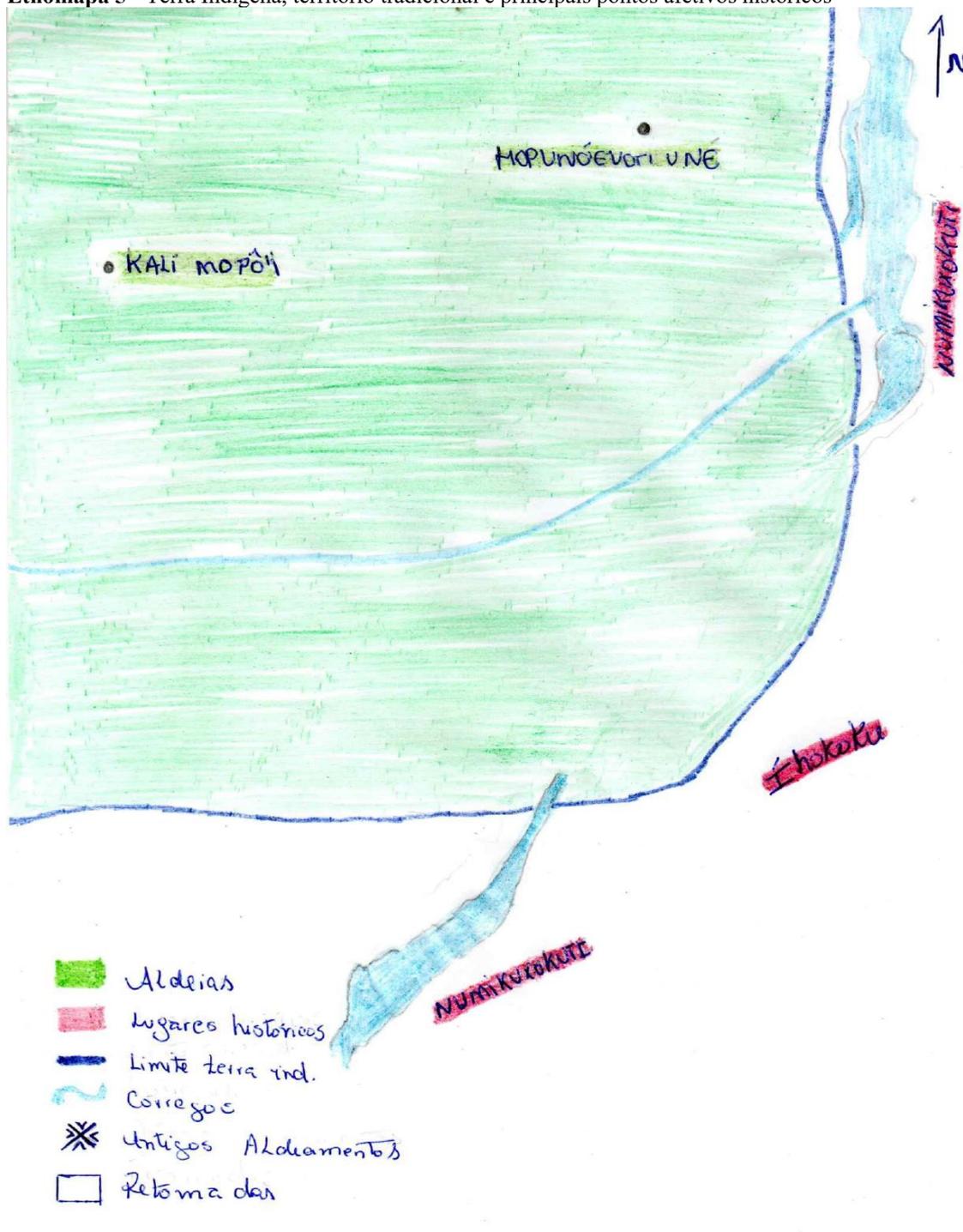
Fonte: autoria do pesquisador.

Etnomapa 4 - Terra Indígena, território tradicional e principais pontos afetivos históricos



Fonte: autoria do pesquisador.

Etnomapa 5 - Terra Indígena, território tradicional e principais pontos afetivos históricos



Fonte: autoria do pesquisador.

Nesse etnomapa que trago tentei inserir os marcos importantes, pontos históricos no território tradicional do povo Terena, a partir disso fazer uma análise de que nós sempre ocupamos o território onde estava inserido as fazendas, os antigos aldeamentos como Natakaxé que está próximo a retomada Caçula, o Pokô'o que está perto da retomada Cristalina, as nascentes que cortam as aldeias estão nas retomadas, lugares de

pesca(Numikuxokuti) e caça(Ihokoku), Ixukokuti Mopó lugar onde se retira mel está na divisa entre a Aldeia Bananal, Ipegue e a retomada Ipanema, o saber dos nossos anciões contribuíram muito para que pudesse elaborar o etnomapa que foi construída a partir das historia oral deles. São quatro divisões do que nós construímos, mas juntando-as forma o território demarcado e mostra claramente os pontos históricos que estão principalmente nas retomadas. O nome das aldeias dos pontos históricos todas elas estão escritas no idioma Terena, está claro que o trabalho que fizemos além de ser uma pesquisa muito importante sobre a questão territorial ela traz uma valorização cultural gigantesca. Antes de discorrer sobre a retomada caçula, trouxe o etnomapa para podermos fazer a análise de como as fazendas impactaram profundamente na nossa organização social e cultural.

Através de muita luta conseguimos retomar o nosso território tradicional, atualmente 80% foi retomado, a retomada caçula é uma delas.

Fotografia 7 – Retomanda Caçula



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2017.

A retomada se deve primeiro com base na própria memória ancestral do nosso povo, nossos ancestrais é quem identificam esse território como território tradicional Terena, em segundo lugar é embasado no laudo antropológico histórico levantado pela equipe da FUNAI, que identifica além de marco(s) antigo do próprio império brasileiro, mas também marco(s) físicos (lugares históricos, antigos aldeamentos, cemitérios etc.) que comprovam que o território é tradicional. A caçula foi retomada no dia 31 de maio de 2013, ela é uma parte da retomada esperança.

“Não estamos aqui para querer os bens do fazendeiro, estamos aqui por que da terra, é dela que vem nosso alimento, bem-estar, espiritualidade, etc... é uma questão de sobrevivência, pensamos no futuro de nossos filhos, netos, próximas gerações”

“No início ninguém queria vir pra cá, por conta da distância, e também por essa retomada fazer divisa com a fazenda santa cruz, os guerreiros ficaram com receio pois naquela altura, tinha chegado a notícia pra nós de que havia ocorrido a morte do Oziel Gabriel na retomada da terra indígena Buriti”(Lucas – Lider da retomada caçula, ipsis litteris.).

Fotografia 8 – Inuxinotí retomada (Liderança)



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2017.

Com toda essa tensão os guerreiros faziam vigia noite e dia, desde a entrada do distrito.No portão da retomada, além de ter cavaleiros fazendo ronda ao redor das

retomadas. Foram meses de resistência, mas nada foi em vão, o território foi garantido por conta da coletividade das sete aldeias.

Foram dias e meses em alerta, já que a qualquer momento poderia sair uma reintegração de posse a favor dos fazendeiros. Todos estavam cientes disso, mas também tínhamos aos nossos lados advogados, mas em especial o nosso advogado indígena Dr. Luiz Henrique Eloi Amado, que, incansavelmente, estava defendendo o nosso povo nas instâncias em que o processo estava a ser analisado. Ao mesmo tempo que estava nessas missões, também estava presente na retomada, nas rezas, nas orações dos parentes que estavam sempre intercedendo por ele, e por todos que estavam somando junto ao povo Terena nesse processo.

Não há como falar da retomada Caçula, sem citar a retomada Esperança, e que antes era um só território, no total são 12.000 hectares. O antigo “proprietário”, com o passar do tempo e após ter os filhos criados, decidiu dividir a fazenda entre eles em três partes que é a Sede (Esperança I), a Fazendinha (Esperança II) e a Caçula (Esperança III).

“Koyuhoinovea neko unae ne oyonokuti itukeovo, poké’exa ûti kopenoti ikoitukexohikó, kixoahi há’a neko pu’iti tûti, kaxekemó kahá’apeaku kopenotí ra poké’e kirikapinahiko” (Máximo Alexandre – Ancião da Aldeia Bananal. *Ipsis litteris*)

“O dono daquela propriedade nos disse que aquele poké’e é nosso, eles estão utilizando o nosso território, o finado do pai do cabeçudo (Henio) disse a ele, se um dia os indígenas quiserem o seu território de volta entregue a eles” (Máximo Alexandre – Ancião da Aldeia Bananal. *Ipsis litteris*).

Fotografia 9 – Ancião Kovêko

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2017.

Essa oralidade é mais uma comprovação de que o território reocupado pelo povo Terena, sempre pertenceu a eles/nós, o próprio indivíduo que estava ocupando, usufruindo dela confirmou de que é território indígena.

Quando trazemos o conceito território na Geografia ele terá vários desdobramentos. Porém, se a gente traz o conceito por meio do conhecimento Terena, quais respostas teremos? Como um pesquisador nativo trago uma reflexão do conceito de território no vemó'u terenoe(língua Terena), a começar por "Poke'ê" que traduzindo para o Português significa "terra", e terra é tudo para nós, é nela que está o nosso passado, o nosso presente e o nossos futuro.É por conta do "Poké'ê" que o nosso povo ainda está vivo, nele vem o nosso alimento não somente do povo indígena, mas da sociedade de modo geral. Sem terra não há como sobreviver. Alguns autores utilizam termo "Poké'exa" para se referir a "território", mas se formos traduzir o termo literalmente,"Poke'exa" é "terra de alguém".Em contrapartida, isso não quer dizer que não podemos utilizar "Poké'exa" para nos referirmos a território. Tivemos que nos apropriar desse termo território para podermos lutar pelo nosso direito à terra.

Território se confunde com a visão indígena de terra. Seria uma extensão do conceito de terra, que adquiriu um cunho político conjuntamente com a idéia de limite. Em tempos passados, os povos indígenas não precisavam pensar em limites para caçar, pescar, coletar ou fazer roça. A terra não tinha limite, agora tem. Nasce, então, a concepção de território, terra com limites. Portanto,

houve a apropriação diante da necessidade pelo contato com a sociedade ocidental do termo território pelos povos indígenas com o significado de terra com limites. Não há diferença entre a terra e o território para os povos indígenas, passando a ter o mesmo significado e importância.(Faria, 2021,pág 04).

Quando trazemos a temática sobre a retomada, estamos trazendo vários conceitos: território, desterritorialização e reterritorialização, que são termos, dependendo do contexto com diversas ideias e definições. Nesse caso, vou procurar trazer tais conceitos na língua terena. Território(Poké'exa): está totalmente ligado à terra, é um termo utilizado pelo nossos mais velhos para se referir à terra de alguém. Desterritorialização (Vomeókokonoti poké'exa ûti): período este sempre lembrado pelos nossos anciões, pós--guerra da Tríplice Aliança quando nossas terras foram invadidas por terceiros, tendo o aval do Império Brasileiro à época. Reterritorialização (Kayukopovati ûti xoko poke'exa viyenó mêku): é o atual momento em que o povo Terena passa, retomando o teu território tradicional, terra dos nossos antepassados. São conceitos que ainda precisamos aperfeiçoar, mas que com essa escrita nos faz dar o primeiro passo pensando no conhecimento tradicional do nosso povo, inserindo conceitos na língua Terena nos espaços da academia.

Levar essa geografia Terena até os leitores, para poderem refletir que não é somente os conceitos ocidentais que devemos levar em consideração nas pesquisas acadêmicas, mas para além disso, que devemos inserir e procurar unir estes conhecimentos, que até atualmente são deixados de lado, para poder entender como é e qual a visão indígena em relação a tais conceitos.

Atualmente o povo Terena utiliza o “poké'exa ûti” de diversas formas: na agricultura, na criação de gado, na criação de pequenos animais como os suínos e as aves. Estes aspectos têm contribuído significativamente para o desenvolvimento local da comunidade e para a geração de renda. Além disso, a retomada do território tradicional tem sido uma importante ferramenta para a recuperação do bioma do cerrado na região, em específico, da retomada Caçula. Pensando de uma forma geral o território para os indígenas é interligado a tudo, desde a sua crença, até a tradição e o modo de viver.

Fotografia 10 – Sopôro (milho)



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

Plantação de Sopôro (Milho)

Na retomada caçula as famílias têm suas pequenas criações de pequeno porte e suas plantações para a sua subsistência, produzindo alimentos livres de agrotóxicos. O modo tradicional da plantação Terena segue os períodos da lua. Cada espécie tem seus dias certos para o plantio e a maioria das pessoas que têm suas plantações seguem o calendário Terena. As pessoas que carregam consigo esses conhecimentos são os nossos mais velhos, eles são os verdadeiros conhecedores, mas, com o passar do tempo, com toda essa mudança que vem acontecendo, por conta do clima, faz com que esse conhecimento milenar também passe por algumas mudanças.

Fotografia 11 – Kovêko (Caititu)



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2022.

Animal de estimação Kovêko(Caititu)

É comum as famílias que residem nas retomadas terem animais silvestres como animal de estimação. Durante a caça, às vezes, acabam encontrando filhotes órfãos, principalmente, no período da seca do mês de agosto. Em específico. Este é um período em que acaba ocorrendo queimadas no cerrado e a mãe acaba perdendo a vida e o filhote fica só. Esse Caititu da imagem é um dos exemplos desse fenômeno e mostra naturalmente que nós indígenas vivemos em harmonia com a natureza e as vidas que nela habitam. Todos nós fazemos parte da natureza.

Fotografia 12 - Criação de Kûre (porco)



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2022.

A criação de suínos é muito comum entre as famílias da retomada. Além de alimento para eles, é comercializado internamente nas aldeias, mas também para as cidades próximas.

Fotografia 13 - Kotukotí (Tirando Leite)



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2022.

Fotografia 14 –Vakahiko (Vaca)

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2022.

A agropecuária faz parte do dia-a-dia do povo Terena, sempre tiveram suas pequenas criações de gado antes da retomada. Mesmo a terra indígena sendo pequena, pois sabemos que o gado em si precisa de espaço para que possa se alimentar, reproduzir-se e para que possa gerar renda para as famílias que têm as criações. Passada quase uma década do início do processo de retomada, atualmente muitas famílias tiveram um aumento significativo em suas criações. Esse ramo gera renda para as famílias que residem na retomada, através da venda do gado em si e da produção de alimentos derivados do leite.

Fotografia 15 - Criação de Tapi'i (Galinha)



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2022.

A criação de galinhas caipira é típica nas retomadas Terena. Elas são mais comercializadas internamente dentro da terra indígena, é também comum os moradores das aldeias terem suas criações para servirem de alimentos e ainda como uma renda extra através da sua comercialização.

Conclusão

Assegurar a proteção do território indígena é uma forma de preservar a identidade, o modo de vida, as tradições e a cultura dos povos. A retomada é um processo de luta dos povos indígenas por suas terras, cuja ocupação é originária. Para muitos povos, esse processo está relacionado à reafirmação de identidades étnicas que foram negadas devido à pressão e à violência do Estado e da colonização. Nós indígenas ocupamos o território brasileiro muito antes da chegada dos europeus, com uma população estimada em milhões de habitantes. Os povos nativos dividiam-se em grupos com culturas, línguas e modos de viver distintos, além de estarem distribuídos em quase todo o território nacional. A chegada dos europeus mudou todo esse cenário. Houve conflito e confrontos entre os colonizadores e os povos indígenas. Conforme as "terras brasileiras" foram sendo ocupadas pelos estrangeiros, os indígenas foram perdendo o controle de seus espaços, sendo então forçados a desocupar os espaços que sempre ocuparam.

Quando fazemos pesquisas e leituras relacionadas aos povos indígenas, quase sempre encontramos artigos, dissertações, teses na área de história, antropologia etc., não menosprezando essas áreas do conhecimento, mas acredito que a geografia é uma das ciências que também deveria se aprofundar, ter mais pesquisas pensadas sobre os povos indígenas, pois a geografia consegue envolver, abranger muitas outras áreas de conhecimento científico em uma determinada análise/pesquisa. Para além disso, a geografia é a ciência que procura entender a relação entre o homem e a natureza.

Quando cito a relação homem/natureza, já estou fazendo uma separação entre algo que na nossa visão enquanto indígenas é algo que "não existe". Não é exatamente que não exista, mas para nós a natureza faz parte de nós e nós fazemos parte da natureza. Então é algo que está interligado, ou seja, é algo que não tem separação, mas uma coisa que devemos sempre reforçar e afirmar é que somos dependentes da natureza.

Essa relação (homem/natureza) é citada na Geografia (Conhecimento científico) e, enquanto estudante, universitário, pós-graduando, doutorando, estamos inseridos nela. Não há como fugirmos dessa concepção, porém uma coisa é certa, antes de ser um pós-graduando, sou indígena e temos o nosso conhecimento. Então, o que pode ser feito é construir uma ligação entre esses dois conhecimentos (científico/tradicional).

Nesse texto, ou em qualquer outro que eu for escrever, sempre procuro, reforço inserir o conhecimento que um determinado, povo/comunidade tem, porque não faz

sentindo o pesquisador quando for elaborar resumo, artigo, textos, reforçar somente o que já está escrito, o que outros autores já colocaram em suas pesquisas. Temos que ter um embasamento para escrever (artigo, dissertação, tese)? Sim. devemos ter, mas isso não quer dizer que devemos concordar com tudo que é posto. Posso estar errado com essa visão, mas temos a missão de levar ao leitor uma visão crítica e que ao final da leitura dela poderá refletir e finalmente entender e levar essa visão mais adiante.

O território tradicional tem uma importância e significado muito grande para o povo Terena da TI Taunay/Ipegue. Através da pesquisa feita podemos afirmar que os Terena, ou qualquer outra etnia pertencente a este país denominado Brasil, são povos que têm muita resistência, pois enfrentaram muitas adversidades mais em nenhum momento deixaram a sua identidade de lado. Sempre carregaram consigo as suas tradições e os seus costumes.

Este trabalho procurou trazer um pequeno histórico das retomadas feitas pelo povo Terena da TI Taunay/Ipegue, em específico a retomada Caçula. Foi preciso buscar o passado dos Terena para que fosse possível entender a história desse povo guerreiro, até os momentos atuais no qual podemos denominar de despertar dos povos indígenas. Não nos esqueçamos que para conhecer o presente de um determinado povo é preciso voltar ao passado.

A pesquisa feita, é uma ferramenta muito importante na luta pela demarcação do território tradicional, ela sustenta os fatos e os motivos das retomadas. Além disso, serve para que as futuras gerações, como por exemplo os alunos do ensino fundamental e médio, que são os futuros da comunidade, tenham despertados, através deste trabalho, o sentimento de conhecer cada vez mais a história de seu povo, para com isso fortalecer cada vez mais o pertencimento na sua comunidade. Através dessa pesquisa podemos destacar o uso da língua materna na escrita do texto, pois ela é uma das identidades de qualquer povo indígena.

Assim sendo, fica evidente e alicerçado a importância do “poké’exa ûti” para nós Terena da TI Taunay/Ipegue e para qualquer outro povo indígena. Com tudo isso podemos afirmar que nós indígenas já estávamos por aqui bem antes dos colonizadores e, assim sendo, de início houve o processo de territorialização, na sequência a desterritorialização, e atualmente a reterritorialização do “poké’exa ûti”.

Referências

- ALBERT, Bruce. “Situação Etnográfica” e Movimentos Étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. **Campos**, v. 15, nº1, pp. 129-144, 2014.
- BALTAZAR, Paulo. **O processo decisório dos terenas**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) -Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BITTENCOURT, Circe M.; LADEIRA, Maria E. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.
- CORREA, Celia Nunes. **O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada/**, Célia Nunes Correa Xakriabá. Brasília – DF, 2018. 218 p.
- ELOY-AMADO, Luiz H. **Poké'exaúti o território indígena como direito fundamental para o etnodesenvolvimento local**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local), Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS 2014
- ELOY-AMADO, Luiz H. **O despertar do povo terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político em mato grosso do sul**. **MovimentAção**, v. 4, nº. 6, pp. 83-104, 2017.
- ELOY-AMADO, Luiz H. Autoritarismo e resistência indígena no Brasil. **Reciis**,v. 13, nº4, p. 702-706, 2019.
- EREMITES OLIVEIRA, Jorge; PEREIRA, Levi M. Reconhecimento de territórios indígenas e qui-lombolas em Mato Grosso do Sul: desafios para a antropologia social e a arqueologia em ambientes colonialistas. In: AGUIAR, RodrigoL. S.de;OLIVEIRA, Jorge E.de; PEREIRA, LeviM. (orgs.). **Arqueologia, etnologia e etno-história em Ibero-america: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação**. Dourados: Editora UFGD, 2010, p. 185-208
- FERREIRA, Andrey C. **Tutela e Resistência Indígena: Etnografia e história das relações de poder entre os Terena e o Estado brasileiro**. Tese (Doutorado em Antropologia) -Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,2007.
- FERREIRA, Andrey C. **Etnopolítica e Estado: centralização e descentralização no movimento indígena brasileiro**. AnuárioAntropológico, Brasília, UnB, 2017, v. 42, n. 1: 195-226.
- FERREIRA, Andrey C. Societies “against” and “in” the State –from Exiwa to the RetakingsTerritory, autonomy and hierarchy in the history of the indigenous peoples of Chaco-Pantanal. **Dossier Fighting for Indigenous Lands in Modern Brazil**. The reframing of cultures and identities, v.15 nº 2, pp.1-27, 2018
- FIALHO, Cerizi F. (Hopuxokenati). O processo histórico da retomada do território tradicional dos terena da terra indígena taunay/ipegue. In.: GONÇALVES, Daniele L.; OLIVEIRA, Eder A. F;TIAGO, Elison; MARQUES, Erick; PEREIRA, Evelin T.S.;

ELOY-AMADO, Luiz H.; ELOY-AMADO, Simone; SILVA TIAGP, Zuleica da. (orgs.). **Vukápanavo**: Revista Terena nº 2, 2019, p. 7-19.

FARIA, Ivani Ferreira de; CASTRO, Carla Cetina; OSOEGAWA, Diego Ken. A reterritorialização e o direito originário como reconquista da terra e dos territórios dos povos indígenas do Médio rio Solimões (AM). **Dossiê Povos Indígenas**. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/43109?lang=pt>.

FIALHO, Cerizi F. MONFORT, Gislane C. Poké'exaûti: Territorialidades de resistência Terena e auto-organização contra a pandemia e a degradação ambiental. **Revista Ambientes: Geografia e Ecologia Política**. v. 2, n. 2, p. 330-369, 2020.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**: Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

PEREIRA, Levi Marques. 2009. **Os Terena de Buriti**: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica. Dourados: UFGD

SALVADOR, Mario N. R. **Os índios terena e a agroindústria no Mato Grosso do Sul**: a relação capital-trabalho e a questão indígena atual. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **Os Índios Terena e a Guerra contra o Paraguai** (1864-1870). UCDB/NEPPI/Programa Terena, 2005.